

UFRRJ
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
AGRÍCOLA

DISSERTAÇÃO

ESPORTE ORIENTAÇÃO: UMA MODALIDADE
INTERDISCIPLINAR NA CONSTRUÇÃO SOCIAL DO
ESPAÇO

THAIANE CAVALCANTI COUTO

2022



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

**ESPORTE ORIENTAÇÃO: UMA MODALIDADE INTERDISCIPLINAR
NA CONSTRUÇÃO SOCIAL DO ESPAÇO**

THAIANE CAVALCANTI COUTO

Sob a Orientação da Professora
Dr^a Rosa Cristina Monteiro

e Coorientação da Professora
Dr^a. Claudia Antonia Vieira Rossetto

Dissertação submetida como requisito para obtenção do grau de **Mestre em Educação**, no Programa de Pós- Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração: Educação.

**Seropédica, RJ
Agosto de 2022**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C871e COUTO, THAIANE CAVALCANTI COUTO, 1986-
ESPORTE ORIENTAÇÃO: UMA MODALIDADE
INTERDISCIPLINAR NA CONSTRUÇÃO SOCIAL DO ESPAÇO /
THAIANE CAVALCANTI COUTO COUTO. - Seropédica, 2022.
58 f.: il.

Orientadora: ROSA CRISTINA MONTEIRO.
Coorientadora: CLAUDIA ANTONIA VIEIRA ROSSETTO.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal
Rural do Rio de Janeiro, PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO, 2022.

1. esporte. 2. orientação. 3. ensino ativo. 4.
interdisciplinaridade. 5. construção social do espaço.
I. MONTEIRO, ROSA CRISTINA, 1955-, orient. II.
ROSSETTO, CLAUDIA ANTONIA VIEIRA, 1966-, coorient.
III Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO. IV. Título.

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001."
"This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001."

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

THAIANE CAVALCANTI COUTO

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 18/08/2022

Rosa Cristina Monteiro, Dr^a UFRRJ

Tiago Badre Marino, Dr UFRRJ

José Maria Pereira da Silva, Dr UFRJ

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus pela conquista de mais um ciclo.

Agradeço também aos meus filhos, Beatriz e Lucas, que me motivam a buscar o meu melhor todos os dias. Lucas, inclusive, foi gestado e parido durante o período que estive no Mestrado. Não foi fácil, amamentar, dormir pouco e conciliar os estudos com os filhos em casa em plena pandemia, mas chegamos juntos, superando os obstáculos, na conclusão de mais uma etapa.

Também não poderia deixar de agradecer a minha rede de apoio, pessoas essenciais para que eu conseguisse me concentrar, pesquisar e escrever: meu esposo Ronaldo, minha irmã Alessandra, meus pais Ana Rosa e Leonardo e meus sogros Maria Lúcia e Ronaldo. E também por sempre me apoiarem e incentivarem a continuidade dos meus estudos.

Ao meu avô José, meu Jusinga, por desde cedo me mostrar a importância do comprometimento e do trabalho e de como é possível crescer na vida profissionalmente. A minha vovó Julieta, eterna Leleta, *in memoriam*, que com certeza está lá no céu vibrando com mais essa conquista.

A Rosa e Claudia, minha orientadora e coorientadora, respectivamente, pelo apoio, orientação e principalmente por mostrarem seu lado humano e me acolherem e incentivarem no período que precisei realizar pequenas pausas para posteriormente dar continuidade.

Aos professores José Maria e Tiago por aceitarem ser banca de defesa desta dissertação e por todas as contribuições que trouxeram a esta pesquisa.

A oportunidade de mais uma vez estudar na rede pública com qualidade e com professores inspiradores: a Rural está presente na minha vida desde a graduação e como foi possível crescer profissionalmente – a menina que um dia foi feirante, hoje se tornou funcionária pública e assim, conseguiu ampliar seus horizontes, principalmente através do esporte Orientação.

A turma Demanda Social 2019 do PPGEA, em especial as amigas Roberta e Idaiana.

A Prefeitura do Rio de Janeiro, pelo incentivo com bolsa¹ e por acreditar na minha capacidade de promover educação.

E finalmente aos meus alunos que me motivam a me dedicar e estudar para ser uma professora melhor a cada dia e a defender a bandeira da educação pública: acessível a todos e de qualidade, no entanto, ainda precisamos dar muitos passos para concretização desse sonho.

¹ Bolsista do Programa Anual de Bolsas de Estudos de Mestrado e Doutorado, da Secretaria Municipal de Educação, desenvolvido pela Escola de Formação Paulo Freire.

RESUMO

COUTO, T. C. **Esporte Orientação: uma modalidade interdisciplinar na construção social do espaço**. 2022. 58 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2022.

Este trabalho teve como objetivo verificar se a prática do esporte Orientação pode ampliar a construção de território de cada indivíduo. Entende-se por Orientação um desporto no qual o praticante, com o auxílio de um mapa contendo os elementos principais do local da prática como relevo, hidrografia e objetos especiais, precisa passar por pontos de controle assinalados no mapa e representados no terreno desconhecido. Através da perspectiva interdisciplinar, acredita-se que as atividades utilizando a Orientação como recurso pedagógico possam provocar uma melhor compreensão social do espaço. Para fazer uma análise da evidência científica, propomos uma revisão da literatura, com base nos preceitos da revisão sistemática, identificando os trabalhos já publicados e analisando-os. A pesquisa permitiu chegar à relação de trabalhos relevantes sobre o tema e a definição dos critérios de elegibilidade. Na pesquisa foi feita a análise da qualidade dos trabalhos recuperados e discussões dos resultados apresentados, de forma sistemática.

Palavras-chave: esporte, orientação, ensino ativo, interdisciplinaridade, construção social do espaço, currículo escolar, Bangu.

ABSTRACT

COUTO, T. C. **Orienteering: an interdisciplinary education modal in the social construction of space.** 2022. 58 p. Dissertation (Master in Education). Institute of Agronomy, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2022.

This research aimed to verify if the practice of Orienteering can expand the construction of each individual's territory. Orienteering is a sport in which orienteers must navigate with a detailed map containing information about the terrain such as landform, water features and obstacles, needs to go through controls marked both on the map and in unknown terrain. Through the interdisciplinary perspective, it is believed that the activities using Orienteering as a pedagogical resource can possibility to promote the knowledge and abilities and a consistent territorial geopolitical choices. In order to analyze the scientific evidence, we propose a literature review, based on the precepts of systematic review, identifying previously published works and analyzing them. The research allows us to reach a list of relevant works about these topic and the definition of eligibility criteria. In these research, the quality of the retrieved works was analyzed and the results presented were discussed in a systematic analysis.

Keywords: sports, orienteering, active teaching, interdisciplinarity, social construction of space, school curriculum, Bangu.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Base do <i>Sport Ident</i>	2
Figura 2 – <i>SI-Card</i>	3
Figura 3 – Praticante na marcação de um ponto	3
Figura 4 – Simbologia no mapa e sua referência, no caso, uma árvore	3
Figura 5 – Representação via Google do Departamento de Educação Física da UFRRJ	4
Figura 6 – Mapa de Orientação do Departamento de Educação Física da UFRRJ	5
Figura 7 - Vista parcial da Fábrica de Bangu	15
Figura 8 – Anúncio da fábrica com venda de terrenos em Bangu	15
Figura 9 – Relevo de Bangu antes da fábrica	16
Figura 10 – Localização dos pontos de interesse em Bangu	17
Figura 11 – Mapa de Bangu	18
Figura 12 – Fachada da Fábrica de Bangu de 1908	19
Figura 13 - Fábrica desativada antes de virar shopping	20
Figura 14 - Shopping Bangu com a arquitetura da fábrica	20
Figura 15 – Acesso lateral do shopping em fronteira com o Calçadão de Bangu	21
Figura 16 – Uma das inscrições da fábrica foi preservada até os dias atuais	21
Figura 17 - Visão lateral do shopping	22
Figura 18 – Teatro Bangu	22
Figura 19 - Mercado Popular de Bangu	23
Figura 20 - Estação de trem em Bangu	24
Figura 21 - Biblioteca Popular Municipal Cruz e Souza	24
Figura 22 - Museu de Bangu	25
Figura 23 - Bandeira da Escola de Samba Unidos de Bangu	25
Figura 24 – Hospital da Mulher Mariska Ribeiro	26
Figura 25 – Lona Cultural Hermeto Pascoal	26
Figura 26 – Marco 6	27
Figura 27 – Minimuseu a céu aberto	28
Figura 28 – Praça Guilherme da Silveira	29
Figura 29 – Praça Guilherme da Silveira	29

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Critérios de inclusão e exclusão do estudo	35
Tabela 2 – Fluxograma de seleção de estudos (PRISMA)	36
Tabela 3 – Revisão Sistemática em profundidade	48
Tabela 4 – Ano de publicação e título dos artigos científicos selecionados	49
Tabela 5 – Classificação dos Periódicos	50
Tabela 6 – Palavras-chave dos artigos e Termos utilizados pelos autores para Orientação	51

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Número de publicações por ano	49
Gráfico 2 – Publicação nas revistas por Região x Prática dos Estudos	51

LISTA DE SIGLAS

AMAN	Academia Militar das Agulhas Negras
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CBO	Confederação Brasileira de Orientação
CBAA	Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura
CDMB	Comissão Desportiva Militar do Brasil
DOI	<i>Digital Object Identifier</i>
EEFD	Escola de Educação Física e Desporto
GCI	<i>Gymnastic Central Institute</i>
IFRJ	Instituto Federal do Rio de Janeiro
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
INSPER	Instituto de Ensino e Pesquisa
IOF	<i>International Orienteering Federation</i>
ISOM	<i>International Standard for Orienteering Maps</i>
ISSprOM	<i>International Standard for Sprint Orienteering Maps</i>
MEC	Ministério da Educação
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PPGEA	Programa de Pós Graduação em Educação Agrícola
SME	Secretaria Municipal de Educação
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	Objetivo Geral	13
1.2	Objetivos Específicos	13
2	ANTECEDENTES DA PESQUISA	14
2.1	Histórico	18
2.1.1	Orientação no Brasil	19
2.2	Orientação na Educação	20
3	PANDEMIA E EDUCAÇÃO	23
4	PESQUISA DE CAMPO	25
4.1	Bangu e suas histórias	25
4.2	Bangu e seus espaços	27
5	DESENVOLVIMENTO TEÓRICO	41
5.1	Território	41
6	PERCURSO METODOLÓGICO	44
6.1	Questão norteadora	45
6.2	Descritores	45
6.3	Crítérios para inclusão e exclusão dos artigos	45
6.4	Busca eletrônica	46
6.5	Seleção dos estudos	46
7	RESULTADOS/DISCUSSÃO	50
7.1	Características dos estudos incluídos na revisão sistemática	50
7.2	Resultados dos estudos incluídos na revisão sistemática	57
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
9	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65

1 INTRODUÇÃO

Orientação é um desporto praticado com o auxílio de um mapa e uma bússola, no qual o executante passa por pontos de controle marcados no terreno no menor tempo possível.

A prática da Orientação traz uma grande contribuição para o indivíduo tanto na parte curricular no que diz respeito à interdisciplinaridade, envolvendo disciplinas como educação física (corrida, saúde, qualidade de vida, utilização de espaços públicos e privados para o desenvolvimento de práticas corporais), matemática (cálculo da escala, cálculo da distância a ser percorrida no terreno), geografia (relevo, coordenadas geográficas), quanto em questões relacionadas à autonomia (escolhas de rotas), inteligência espacial (localização), assim como da educação ambiental (necessidade de preservação do meio ambiente para prática do esporte, sustentabilidade).

Dornelles (2013) trata da Orientação como “importante ferramenta interdisciplinar e capaz de desenvolver qualidades bio-psico-sociais importantes no processo de desenvolvimento humano. Muitas escolas valem-se desta modalidade para buscar melhor qualidade no ensino”. Além disso, pretende-se identificar se a modalidade atua na formação de subjetividades críticas quanto à construção social do espaço.

A Orientação pode ser trabalhada nas vertentes: esportiva competitiva, recreativa, ambiental e pedagógica. Para este estudo, o enfoque se dará na vertente pedagógica.

Castellar (2000) defende que é papel do professor a condução dos alunos à leitura do mapa e aprender a pensar o espaço, dando condições para que a criança leia o espaço vivido.

A intenção deste trabalho é relacionar a prática desse esporte e se sua vivência pode ampliar a construção de território de cada indivíduo.

Nesse trabalho a percepção espacial será referenciada numa totalidade, abrangendo a visão de mundo com uma experiência conceitualizada, ou seja, a percepção espacial num âmbito em grande parte social associado a uma melhor compreensão do mundo.

Dessa forma, essa pesquisa tem como objetivos:

1.1 Objetivo Geral

Analisar a variação dos níveis de percepção na construção social do espaço através do esporte Orientação, pela ótica da revisão sistemática.

1.2 Objetivos Específicos

Responder à pergunta: os praticantes do esporte Orientação apresentam melhor compreensão eco-psico-social do espaço?

Oferecer referências teóricas sobre os níveis crescentes de complexidade na construção psicossocial do espaço;

Levantar histórico da Orientação no mundo e no Brasil;

Conhecer Bangu e seus espaços a partir do contexto histórico do bairro.

2 ANTECEDENTES DA PESQUISA

A Orientação é uma modalidade esportiva que utiliza a natureza como campo de jogo, um esporte, no qual o praticante tem que passar por pontos de controle marcados no terreno no menor tempo possível, com o uso de mapa e bússola. “É um mapa topográfico detalhado, onde é traçado o percurso que o atleta tem que percorrer e são locados precisamente todos os detalhes da vegetação, relevo, hidrografia, rochas e construções feitas pelo homem, etc.” (Confederação Brasileira de Orientação, 2004). Através do mapa, o competidor raciocina e traça o que ele julga ser a melhor rota para ter sucesso na prova. Quem completar todo o percurso no menor tempo será o vencedor. Não consiste numa corrida convencional, até mesmo porque os atletas não partem ao mesmo tempo, eles têm horários de partida diferenciados. Na chegada, por meio de um chip, chamado *SI-Card* (equipamento eletrônico conforme mostra a figura 2), é feita a conferência para verificar o tempo de prova do participante e se ele passou por todos os pontos de controle na ordem preestabelecida e registrou corretamente sua passagem.

A Orientação se distingue dos outros esportes por atrair competidores das mais variadas idades e categorias tanto do sexo masculino quanto do feminino, proporcionando uma igualdade física e técnica. Na parte técnica, o grau de dificuldade é dividido em 4 categorias de acordo com o tempo de prática do competidor, sendo elas: N (novato), B (difícil), A (muito difícil) e E (elite).

“Orientação é um esporte emocionante, que faz o atleta vibrar com seu resultado. Cada ponto é um obstáculo a ser ultrapassado, uma dificuldade a ser vencida. A Orientação é um esporte que une o físico com a inteligência, tornando-o um desporto muito competitivo. Ou seja, nem sempre quem corre mais, ganha a competição. O objetivo de cada participante é terminar o percurso no menor tempo possível. Mas o orientador deve ter em conta sua condição física e sua habilidade de orientação, pois escolher uma rota (caminho) correta e ter habilidade de segui-la até o próximo ponto sem perder tempo – isto é arte da ORIENTAÇÃO” (PASINI, 2004, p.19).

A figura 1 representa a base eletrônica, que é fixada num suporte, junto com o prisma, que identifica o ponto de controle. A figura 2 representa o *SI-Card*, um *chip* que é inserido na base pelo competidor e registra sua passagem pelo ponto. Já a figura 3 mostra um competidor (no caso, a própria pesquisadora) passando por um ponto de controle.



Figura 1 - Base do *Sport Ident*

Fonte: Própria autora



Figura 2 - SI-Card
Fonte: Própria autora



Figura 3 - Praticante na marcação de um ponto
Fonte: Própria autora

Com relação à simbologia existe uma padronização internacional para que em qualquer competição o atleta possa identificá-los para a devida leitura do mapa, assim como as cores utilizadas representam áreas diferenciadas. Cabe aqui mencionar que a pesquisadora é orientista, ou seja, praticante do esporte Orientação e, portanto, muitas definições e explicações aqui descritas ocorreram em função dessa prática.

No mapa de Orientação pode se notar várias simbologias, contendo cores (áreas), objetos (pontos) e linhas, que devem ser de conhecimento prévio do orientista, pois suas decodificações permitem a leitura detalhada do mapa, como por exemplo, o círculo verde que tem como significado a árvore, conforme apresentado na figura 4.



Figura 4 - Simbologia no mapa e sua referência, no caso, uma árvore.
Fonte: <https://web.facebook.com/photo/?fbid=5257881197604311&set=pcb.5257882920937472>

Os mapas são confeccionados por pessoas habilitadas que tenham feito curso de mapeador, sendo elaborados de acordo com as especificações internacionais para mapas de Orientação: *International Standard for Orienteering Maps* (ISOM).

Outrossim, no esporte Orientação existem praticantes da modalidade que se especializam no quesito mapeamento seja para efetivamente elaborar mapas para competições ou com intuito de aprimorar sua técnica através de um melhor entendimento sobre cartografia.

Atualmente, são utilizadas algumas ferramentas tecnológicas para auxiliar a confecção do mapa, como por exemplo, drones, *GPS* e o *Google Maps*. Entretanto, em função da importância dos detalhes num mapa de Orientação, o mapeador precisa efetivamente fazer um trabalho de campo, no qual passe pelos pontos e para registrar os detalhes que não são captados pelas ferramentas tecnológicas. De fato, este é um trabalho difícil e duradouro, principalmente porque se deve levar em consideração as condições climáticas no período da competição e/ou prática.

O ambiente mais comum para sua prática são as florestas. Entretanto qualquer área em que se possua um mapa pode haver sua prática. Atualmente a prática em áreas urbanas tem se intensificado tendo como um dos intuítos, a divulgação do esporte. Neste caso, os mapas são elaborados de acordo com especificações internacionais para mapas de Orientação Sprint: *International Standard for Sprint Orienteering Maps* (ISSprOM).

No Brasil a Orientação é regulada em nível nacional pela Confederação Brasileira de Orientação (CBO) e regionalmente pelas respectivas federações afiliadas à mesma.

As figuras 5 e 6 retratam o mesmo terreno através de duas representações: a primeira através de uma foto aérea do *Google Maps* e a segunda, através do mapa de Orientação, ambas retratando o Departamento de Educação Física e Desportos da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. O mapa de Orientação inclusive representa, por uma linha roxa, um percurso traçado na modalidade *sprint*.



Figura 5 - Representação via *Google* do Departamento de Educação Física da UFRRJ
Fonte: <https://earth.google.com/>

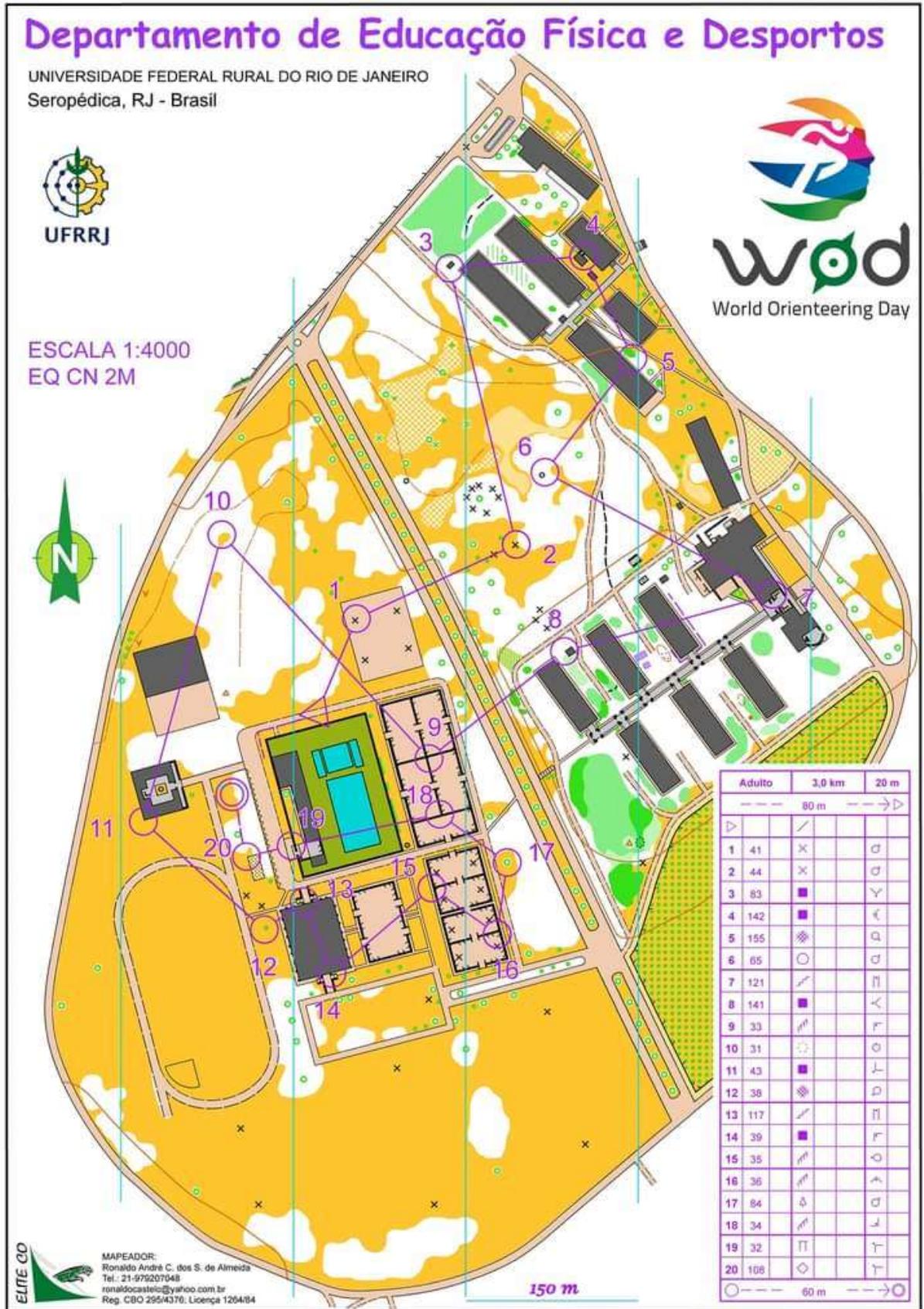


Figura 6 - Mapa de Orientação do Departamento de Educação Física da UFRRJ

Fonte: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=5257881197604311&set=pcb.5257882920937472>

2.1 Histórico

Este contexto histórico foi feito com base nas referências encontradas no site da Federação Portuguesa de Orientação, na literatura de Pasini (2004) e de Ferreira (2021). O fato da pesquisadora ser uma atleta praticante da modalidade também contribuiu para a construção deste tópico.

A necessidade de se orientar remonta a época do homem das cavernas, dada a busca por caça e alimentos longe de suas moradas. A solução naquele tempo era fazer marcações pra balizar o caminho de retorno ou se referenciar por relevantes detalhes no terreno, como lagos, rochas, entre outros. Com um pouco mais de evolução, começou-se a utilizar o movimento dos astros como forma de se orientar, pois a partir daí foram determinados os pontos cardeais – norte, sul, leste e oeste.

Pasini (2004) também afirma que a invenção da bússola primitiva data de cerca de 1000 a.C., os chineses observaram o comportamento de uma barra de magnetita sobre a madeira flutuando sobre a água, e começaram a explorá-la na navegação. Por volta de 1280 d.C., Flávio Gioia, na cidade de Amalfi, Itália, aperfeiçoou a bússola, pegando uma rosa dos ventos, um diagrama que mostra as direções de vários ventos e adaptou uma agulha imantada sobre esta rosa, coincidindo o Norte da Agulha com o da rosa. E por último, dividiu o círculo em 360°, e prendeu todo o dispositivo em uma caixa. Consequentemente alavancou sua utilização pelos grandes navegadores da época.

Em 1850, a Orientação nasceu como desporto, nas forças armadas escandinavas, sendo utilizada como meio de entretenimento para as suas tropas, usando somente bússola, azimutes (um ângulo, referenciado pelo Norte Magnético) e distâncias, sem mapas. Em 1866, os conceitos de Orientação, embora ainda embrionários, já estavam sendo empregados na Academia Militar da Suécia. Em 1888, iniciou-se a utilização de mapas, ainda sem fins competitivos, somente de profissionalização militar. Foi inclusive nesse ano que o termo Orientação foi usado pela primeira vez, na Academia Militar Sueca e provavelmente na Escola de Cadetes na Noruega. Entretanto, ainda não se referia a competições e sim, práticas de atravessar um terreno desconhecido com o auxílio de um mapa e bússola.

Segundo a Federação Portuguesa, provavelmente foi em Bergen - Noruega, no ano de 1897, que se organizou a primeira atividade pública desportiva de Orientação. Os países nórdicos são ainda hoje, aqueles onde a modalidade tem maior implantação, mobilizando um número de praticantes que coloca a Escandinávia como a região mais praticada e a Rússia como o país com maior número de orientistas.

Em 1895, foi organizada a primeira competição de Orientação em Estocolmo. E dois anos depois, a Orientação passou a ser considerada como disciplina desportiva civil.

Após um tímido nascimento para o meio civil em 1904, na cidade de Helsingfors, a Orientação surgiu verdadeiramente para o meio civil na Suécia, em 1912. Major Killander, considerado o “Pai da Orientação”, trouxe para o esporte os jovens que se afastavam da corrida e do atletismo. Em 25 de março de 1919 ocorreu a primeira competição oficial, que contou com a participação de 155 atletas. A partir daí o esporte experimentou um grande crescimento na Suécia, e depois por outros países europeus. Entretanto, seu ápice de expansão se deu no pós Segunda Guerra Mundial, o esporte foi aderido por países como EUA, Canadá, Grã-Bretanha, Bélgica, Austrália, Espanha e França.

Em 1961 já estava sendo fundada a Federação Internacional de Orientação (IOF) e no ano seguinte foi realizado o primeiro Campeonato Europeu de Orientação. E em 1965, o Conselho Internacional do Desporto Militar (CISM), organizou o primeiro Campeonato de Orientação Militar. No ano de 1977 o esporte foi reconhecido pelo Comitê Olímpico Internacional (COI). Atualmente, a IOF, agrupa 75 países membros, inclusive o Brasil.

2.1.1 Orientação no Brasil

Em relação à história do esporte Orientação no Brasil, Ferreira (2021) vem colaborar com informações inéditas no período que antecede a década de 70, relacionando a modalidade ao período histórico em paralelo à história da educação física.

Em 1945, no jornal brasileiro *Sport Illustrado* foi publicada uma reportagem inédita sobre Orientação na Suécia na qual explicava sobre o esporte e sua importância para o país, dando ênfase inclusive para não correlação com o militarismo. No mesmo ano, outra matéria foi publicada que tratava sobre a criação do Instituto Desportivo Sueco em 1944, um Centro de Treinamento destinado à preparação de instrutores e desportiva de algumas modalidades, incluindo a Orientação. Este pode ser considerado um marco importante para o Brasil, visto a publicação numa mídia esportiva de abrangência nacional. No ano seguinte, ocorre a publicação na *Revista Brasileira de Educação Física* sobre esta reportagem.

No ano de 1949 uma representação brasileira composta por 12 integrantes participou do Curso na *Gymnastic Central Institute* (GCI), realizado em Estocolmo. Foram oferecidas diversas atividades de ginástica, jogos e esportes, incluindo a Orientação. Por ocasião dessas atividades foi realizado o primeiro percurso de Orientação por brasileiros.

Ao retornar para o Brasil, o professor Alfredo Colombo, diretor da Divisão de Educação Física do Ministério de Educação e Cultura (MEC), um dos integrantes do GCI publicou duas reportagens sobre o tema, além de ministrar uma palestra onde abordou sobre o esporte. No ano seguinte, inicia a implantação do esporte Orientação no Brasil.

Em 1954, Colombo e sua equipe impulsionaram a Orientação no Brasil, organizando inclusive documentação oficial e passados dez anos foi publicado o *Regimento de Orientação no Diário Oficial da União*.

Segundo Ferreira (2021), as tensões políticas da Era Vargas na década de 50, dificultaram avanços relativos ao esporte, mas registra o surgimento da modalidade no país em 1956, por ocasião da realização do I Campeonato de Orientação no Brasil, inserido nas Olimpíadas Escolares do Campeonato dos Colégios do Rio de Janeiro.

No final da década de 50, são realizadas diversas competições escolares no Rio de Janeiro onde a Orientação estava incluída. No entanto, com a transferência da capital do Rio de Janeiro para Brasília, muitos documentos foram descartados e alguns extraviados, o que impactou diretamente a prática da Orientação que passou a sofrer descaso e abandono e não houve interesse das Forças Armadas em dar continuidade à implantação da modalidade no Brasil, nem de forma exclusiva no meio militar.

Ferreira (2021) ressalta que a Orientação, como esporte não se enquadrava na política do período do regime militar. Sua retomada somente vem acontecer na década de 70, quando passa a ter vínculo com o meio militar. Durante muito tempo

acreditou-se que a modalidade havia chegado ao Brasil nesse período pelos militares, inclusive esse argumento ainda é defendido por muitos.

Em 1970, três oficiais das Forças Armadas Brasileiras foram à Europa assistir o IV Campeonato de Orientação do CISM. No ano subsequente, no Rio de Janeiro, o então Capitão de Engenharia Tolentino Paz da Silva organizou a primeira competição militar no Brasil, ficando conhecido como “Pioneiro da Orientação no Brasil”.

Tolentino Paz foi um dos responsáveis pela implantação da Orientação em Brasília, incluindo a fundação da Federação. A ele também é atribuído à expansão do esporte nas Forças Armadas e no final da década de 80, pela reintrodução no meio civil.

Em 1984, foi organizado em Curitiba, o XVII Campeonato Mundial Militar de Orientação, sob a organização da Comissão Desportiva Militar do Brasil (CDMB) e em 1999, foi fundada a Confederação Brasileira de Orientação.

2.2 Orientação na Educação

A Orientação foi inserida no currículo oficial das escolas primárias suecas, país onde o esporte foi criado, em 1942. Sua grade inicia no 1º ano, quando as crianças estão com 7 anos de idade. No Canadá, na Província de Ontário, a Orientação também faz parte do ensino obrigatório nas escolas.

Pasini (2004) define a Orientação como uma atividade física completa e destaca que pode ser praticado em zona rural ou urbana, parques, matas, florestas, campos ou até mesmo nas escolas.

Em 1956, o professor Alfredo Colombo inclui a modalidade Orientação nos Jogos Escolares do Rio de Janeiro. Nos anos posteriores são relatadas ocorrências de diversas competições escolares: participação de 26 estabelecimentos de ensino, além de alunos do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) em 1958; I Jogos do Colégio Pedro II mais Jogos Metropolitanos Colegiais com a participação de 40 estabelecimentos de ensino em 1959, como também a competição escolar entre estudantes cariocas do Ensino Médio, entre outras.

Com a transferência da capital do Rio de Janeiro para Brasília houve ruptura nas competições escolares. Embora a história tenha interrompido a prática, para realização das competições escolares entende-se que pelo menos minimamente esse conteúdo era trabalhado nas escolas cariocas.

Em 1974, o desporto Orientação foi incluído no currículo da Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx). No ano de 1979 foi realizado o primeiro campeonato de Orientação entre Cadetes da AMAN, e já no ano seguinte, a Orientação foi instituída no currículo escolar dessa Academia.

No meio civil, a Orientação passa a ser ofertada como disciplina eletiva no currículo dos cursos de Educação Física, desde 1992, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), pelos professores José Maria Pereira da Silva e Paulo Roberto Campos Figueiredo e mantida até os dias de hoje pelo professor José Maria.

Segundo Scherma, em 1998, na cidade de Cachoeira do Sul (RS), ocorreu um simpósio sobre o “Esporte de Orientação: uma Ferramenta Interdisciplinar” que tinha como proposta o incentivo para realização de cursos de capacitação para professores assim como a inclusão do esporte nos currículos escolares. Ele relata que no mesmo ano as escolas municipais de Cachoeira do Sul tiveram a Orientação inserida em seus currículos.

No mesmo ano, uma reunião entre professores de Educação Física do sistema dos Colégios Militares, a Orientação foi escolhida como o esporte diferenciador destes estabelecimentos de ensino, e o resultado é visto no destacado desempenho atual dos atletas pertencentes aos clubes de Orientação originários destas escolas, principalmente os de Santa Maria, Brasília e Belo Horizonte.

Dando um enfoque ao cenário da Orientação nas escolas públicas no Rio de Janeiro, em 2003, a Orientação passa a ser desenvolvida pela professora Marion Costa da Silva numa escola da Secretaria Municipal de Educação (SME) incluindo alunos das Classes Especiais e a partir de 2005 ela inicia o trabalho para formação de professores da rede.

No período de 2008 a 2010, pelo professor Ronaldo André Castelo dos Santos de Almeida na rede pública estadual do Rio de Janeiro, que atende alunos do Ensino Médio.

No ano de 2015, a Orientação passa a fazer parte das aulas de educação física do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ), no Campus Pinheiral, pelo professor Ulysses dos Santos. No mesmo ano e ano seguinte, foi realizada durante a Semana Acadêmica uma Oficina da modalidade esportiva desenvolvido pela Professora Cassia Cândido e o professor Israel Souza, no Campus Paracambi. Em Resende, no ano de 2018, a Orientação passa a ser ofertada para os alunos, pela Professora Cassia. Além disso, nesse campus é realizado um Projeto de Extensão que atende a comunidade através de uma oficina que tem o intuito de apresentar a Instituição e a modalidade, perpassando inclusive com os temas lazer e ambiente.

Na rede pública de Volta Redonda passa a ser ofertada em 2018 e, no ano seguinte em Barra Mansa, pela professora Fernanda Leocadio.

No ano de 2021, foi aprovado pela IOF o projeto desenvolvido pelo Professor Ronaldo André Castelo tendo como um dos objetivos a expansão da Orientação nas escolas. O projeto já atendeu 7 escolas, inclusive com o mapeamento das escolas ou de parques próximos para a realização das aulas práticas.

No mesmo ano, o projeto Mapa&Ação da SME é colocado em prática tendo como um dos objetivos a capacitação dos professores de educação física incluindo a instrução para mapeamento dos ambientes escolares, permitindo maior autonomia para o professor trabalhar esse conteúdo. Esse projeto continua em andamento em parceria com a UFRJ, através dos professores José Maria Pereira da Silva e Diego Viana Gomes.

Pasini, em seu livro “Corrida de Orientação” de 2004, faz uma análise da Orientação de forma interdisciplinar. O homem tem seu perfil dividido em três domínios, cognitivo, psicomotor e afetivo, e seus respectivos desenvolvimentos estão ligados à consciência das inteligências múltiplas.

O autor afirma ainda que a prática da Orientação corrobora com a educação que é aprendizagem e ainda controla as aprendizagens que não são educação.

“Competência é a faculdade de mobilizar um conjunto de recursos cognitivos (saberes, capacidades, informações etc.) para solucionar situações. Localizar-se numa cidade desconhecida, por exemplo, mobiliza as capacidades de ler um mapa, pedir informações; mais os saberes de referência geográficas e escala” (PERRENOUD apud PASINI, 2004, p. 86).

Pasini (2004) faz uma análise entre a relação das inteligências múltiplas com a Orientação:

- Inteligência Lógico-Matemática: o atleta durante a execução de seu percurso confronta dados e faz cálculos – fundamental na noção de distância percorrida. A natureza traz estímulos que estimulam no atleta novas formas de pensar, bem como

a rapidez de raciocínio. Tal ideia é ratificada por Kleinmann (2003 apud MELLO, 2005, p. 5), na prática desse desporto, observa-se o pensamento estratégico e constata-se que existe um desenvolvimento muito rápido do processo de tomada de decisão de um indivíduo: “a constante necessidade de tomar decisões, de interpretar símbolos e adaptar-se às diferenças do terreno, faz com que o orientista desenvolva sua inteligência e ponha em funcionamento o desenvolvimento de seu pensamento estratégico”;

- Inteligência espacial: a Orientação é em sua essência o estudo da topografia, e a visão espacial que o competidor precisa ter é elevada, para transformar sua vista em duas dimensões do mapa para três dimensões no terreno.

- Inteligência cinestésico-corporal: o orientista passa a conhecer melhor seu corpo, aprendendo a ter melhor sensibilidade quanto aos seus limites e aptidões. Usa as pernas para subir montanhas, transpõem obstáculos e utiliza as mãos para carregar bússola, mapa e *Sicard*. Além de ter noção do seu impulso para ultrapassar obstáculos naturais tais como troncos, pequenos córregos, cercas, etc.

- Inteligência intrapessoal: seu domínio capacita a superar e entender seus próprios erros e criar novas soluções. A Orientação direciona o atleta a resolver diversos problemas, seja para contornar obstáculos, para escolher a melhor direção, entre outros. A grande possibilidade de erros torna a falha quase que certa durante a realização do percurso, exigindo dos desportistas uma persistência nos seus objetivos, calma para tomada rápida de decisões e aprendizagem com seus erros;

- Inteligência interpessoal: consiste em perceber diferenças entre as pessoas, observando seus comportamentos. A Orientação propicia um contato muito grande entre jovens, adultos e idosos. O esporte em equipe ensina o atleta a participar de um grupo, cooperando para ele, e, além disso, aprende também a liderar e a ser liderado. Esse desporto, através de todas suas dificuldades e aprendizagens, favorece o desenvolvimento de liderança. O atleta ao conhecer seus próprios limites, passa a respeitar a capacidade de seus companheiros, através da empatia. O seu controle emocional é muito desenvolvido, dados os desafios encontrados em uma competição, quando o atleta se depara sozinho, num terreno desconhecido e, às vezes, momentaneamente desorientado. A Orientação possibilita a abertura do horizonte visual.

Tais ideias são ratificadas por Mello (2005), através da argumentação de que durante a prática da Orientação, utilizam-se várias habilidades e conteúdos, entre eles, a Educação Física, Língua Portuguesa, Geografia, Matemática, História, Astronomia, Ciências, Cartografia, Ética, Educação Ambiental e Educação para Saúde.

3 A PANDEMIA DA COVID-19 E A EDUCAÇÃO

Esta pesquisa estava em andamento quando fomos surpreendidos por uma pandemia causada pelo vírus da COVID-19 que se espalhou pelo mundo. Segundo o Ministério da Saúde, “a COVID-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global”.

Em função da alta taxa de transmissão, foi decretado a nível nacional o isolamento social e com isso, as escolas foram fechadas em março de 2020, quando se confirmaram os primeiros casos e mortes no Brasil.

Ainda em março de 2020, para amenizar os prejuízos causados pela pandemia no setor educacional, o Ministério da Educação (MEC) autorizou que as aulas presenciais fossem substituídas por modelos de aula remotas para as instituições de ensino superior e logo depois para educação básica.

Ao criar a possibilidade do ensino a distância na grade presencial, o objetivo foi de manter a rotina de estudos dos alunos. Como informou a primeira portaria do MEC, “será de responsabilidade das instituições a definição das disciplinas que poderão ser substituídas, a disponibilização de ferramentas aos alunos que permitam o acompanhamento dos conteúdos ofertados bem como a realização de avaliações durante o período da autorização”. As instituições podiam também alterar o calendário de férias, desde que cumprissem os dias letivos e horas-aula estabelecidos. E com o cenário da pandemia avançando cada vez mais, o decreto foi sendo prorrogado.

O fechamento das escolas impactou diretamente na educação. As escolas passaram a adotar o ensino remoto para dar continuidade ao ano letivo, no entanto, as classes sociais com menor renda foram prejudicadas visto que em grande parte das regiões brasileiras, a internet muitas vezes não era compatível ou não existia, houve dificuldade de que esses alunos tivessem acesso a aparelhos tecnológicos para assistir as aulas, e até mesmo os ambientes na sua maioria, eram inadequados para o estudo. Cabe aqui destacar que muitos responsáveis não tinham inclusive com quem deixar seus filhos para trabalhar, para aqueles cuja função não pode ser exercida via *home office*, modalidade adotada por muitos locais de trabalho.

O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) divulgou o primeiro levantamento com os impactos causados pelo vírus. A pesquisa *Resposta Educacional à Pandemia de Covid-19 no Brasil*, que contempla toda a educação básica, mostra que na comparação entre as escolas públicas e particulares as desigualdades são claras. No ensino privado, 70,9% das escolas ficaram fechadas no ano de 2020. O número é consideravelmente menor que o da rede pública: 98,4% das escolas federais, 97,5% das municipais e 85,9% das estaduais.

Segundo o estudo *Perda de Aprendizagem na Pandemia* (Instituto Unibanco, 2021), uma parceria entre o Instituto de Pesquisa e Estudo (Insper) e o Instituto Unibanco, estima que, no ensino remoto, os estudantes aprendem, em média, apenas 17% do conteúdo de matemática e 38% do de língua portuguesa, em comparação com o que ocorreria nas aulas presenciais.

Outro fator preocupante foi a evasão escolar no período pandêmico, o que pesquisas iniciais relacionam ao agravamento da saúde mental de diversos brasileiros. Muitos tiveram agravamento de quadros de ansiedade, tendência de sentimentos negativos e de uso exagerado das redes sociais, exaustão e cansaço constantes, insônia, entre outros distúrbios. O distanciamento não só da escola, mas de amigos,

familiares, da rotina e da vida social afetou não só alunos como suas famílias e os professores. Além disso, tivemos o impacto nas atividades físicas para os alunos e para sociedade, de forma geral. O movimento do corpo é importante para as funções cerebrais, para a saúde física e emocional, e para estimular o sistema imunológico. Diante da necessidade do ensino remoto, os alunos ficaram ainda mais expostos a longos períodos de tela e ainda mais sedentários.

Por falar em professores, é necessário destacar a criatividade e o desenvolvimento de estratégias para o ensino remoto. Educadores de todo país tiveram que refazer suas aulas, por muitas vezes largar a apreensão de aparecer na frente das câmeras para poderem gravar aulas e conteúdos pedagógicos. Tiveram que escrever novas apostilas, fortalecer uma troca entre instituições, criar redes sociais, formas de interação, reinventar músicas, mudar a forma de avaliação, tudo em uma busca para aproximar o aluno e minimizar os impactos educacionais ocasionados pela pandemia. A grande mudança não foi apenas digital, mas sim comportamental e criativa. Muitos educadores foram obrigados a superar suas limitações tecnológicas e desenvolver habilidades antes não imaginadas, para aplicarem em salas virtuais, sempre com foco na melhor forma de aprendizagem para os alunos.

Entretanto, todo esse cenário também proporcionou aprendizados inesperados e importantes reflexões para aplicação inclusive no atual cenário de “pós-pandemia”, onde alguns especialistas já defendem o ensino híbrido. Foi possível uma maior conscientização sobre a importância da educação, do papel dos professores e também da real necessidade de integração entre os responsáveis e a escola.

Por se tratar de um evento inédito em nossa sociedade, ainda não temos clareza sobre todos os impactos consequentes da pandemia. É claro que ela escancarou as desigualdades, mas um lado positivo foi que ela nos mostrou a importância de parcerias e da colaboração nas pesquisas, a nível nacional e internacional. Pois houve uma mobilização da comunidade científica muito rápida para trazer respostas a esse cenário, e isso foi replicado além dos estudos para a área da saúde.

Na execução da pesquisa acadêmica os procedimentos metodológicos ditam os meios para alcançar os objetivos propostos e, dentre eles, o trabalho de campo se constitui como etapa tão fundamental quanto o trabalho de gabinete. A realização do trabalho de campo concretiza o encontro do pesquisador com o seu objeto de estudo, possibilitando não somente a coleta de dados primários, mas também a apreensão de aspectos dificilmente vislumbrados por meio das leituras e reflexões (CRUZ, 1997; CLAVAL, 2013).

Sabemos que para além de todos os impactos na saúde, a pandemia mudou o ensino, os comportamentos e inclusive a trajetória de milhares de pesquisas que vinham sendo realizadas, inclusive a desta. A condição do isolamento trouxe angústias ocasionadas em docentes e discentes, assim como fragilidades provenientes das condições de possibilidades não ideais para as pesquisas, um momento desafiador para o processo de aprendizagem.

No entanto, chegou-se no ano de 2021 e o isolamento ainda se fazia necessário e assim optamos por reconfigurar a mesma. Assim como muitos precisaram de prorrogação de prazos, ajustes, adaptações e até mesmo a exclusão do trabalho de campo para que a pesquisa pudesse evoluir. A pesquisa que seria realizada na escola com práticas de Orientação dentro e fora do ambiente escolar,

visando ampliar a visão de mundo dos alunos a cerca do bairro onde moravam e estudavam, precisou ser modificada.

4 PESQUISA DE CAMPO

Embora a pandemia tenha alterado o planejamento das atividades metodológicas práticas dessa dissertação, inicialmente havia sido realizada uma pesquisa de campo a cerca do bairro onde a escola está inserida, local também onde os alunos residiam: Bangu.

O bairro Bangu se localiza na Zona Oeste do Rio de Janeiro e é popularmente conhecido como o bairro mais quente do Rio, sendo o segundo bairro mais populoso do Estado, segundo o Instituto Pereira Passos.

Seu nome deriva da palavra indígena “útang-û” que significa anteparo escuro ou barreira negra, numa referência a região de montanhas.

4.1 Bangu e sua História

As fontes históricas trazem Manuel de Barcelos Domingues como o primeiro a se interessar pelas terras que hoje pertencem a Bangu e torná-las produtivas. O fundador da Fazenda Bangu foi responsável pela construção de uma capela (1673) e pela produção de açúcar, álcool, cachaça e rapadura na região. Essa propriedade passa a ter outros proprietários por sesmaria até que é adquirida com finalidade industrial.

Em razão do crescimento no processo de industrialização do Brasil, principalmente no Rio de Janeiro, caracterizada pela crise na produção de café no Vale Paraíba, além de outras condições favoráveis como a ampliação do mercado de trabalhadores livres, mudança na legislação visando a facilidade e organização de empresas e disponibilidade de bens no mercado internacional, no final do século XIX, foi instalada em Bangu a Companhia Progresso Industrial do Brasil, conhecida como Fábrica de Tecidos Bangu ou até mesmo como Fábrica Bangu.

Dentre o surto na ascensão das indústrias têxteis a Fábrica Bangu se apresentou como exceção saindo do meio urbano para área rural. Isso foi possível em razão da existência da ferrovia de Bangu, fundamental para transporte de carga em volume elevado para o Centro do Rio de Janeiro e da existência de mananciais das Serras do Mendanha. Embora a fábrica apresentasse mudança de força motriz de hidráulica para vapor, a água continuava sendo fundamental para o seu funcionamento nos processos de branqueamento, tinturaria, estamperia e condensação. Este fator inclusive foi o responsável pela expansão dos terrenos da fábrica e a aquisição de muitos hectares visando o monopólio da água.

Essas terras também foram utilizadas para produção de algodão, mas como não contemplava a necessidade da fábrica funcionaram temporariamente. Além disso, havia produção de aguardente e de alimentos, visando reduzir os custos dos alimentos que era mais alto que nos centros econômicos do país e a consequente pressão por salários mais altos.

Em 1990 cria-se a Cooperativa do Bangu onde os operários podiam fazer suas compras com desconto em folha de pagamento e os produtos comercializados eram dos arrendatários da Companhia, tendo como objetivo a autossuficiência na produção e distribuição dos alimentos.

Em virtude da necessidade de capital de giro e a concorrência da demanda da força de trabalho com a fábrica este empreendimento foi abandonado e passados 4 (quatro) anos as terras foram sendo liberadas para aqueles que queriam morar em Bangu, com pagamento em taxas de aluguel, dando início à Vila Operária.

A fábrica exportava para a Europa e o financiamento do material das casas construídas para os empregados vinham, em sua maioria, do exterior. Outro produto importado da Europa pelos empregadores eram as bicicletas, no intuito de facilitar o deslocamento para o trabalho.

Os registros revelam que diversas melhorias foram realizadas visando atender a fábrica e que automaticamente trouxeram mudanças para o bairro, acarretando na sua urbanização. Ampliação do sistema de esgotos, obras de canalização do Rio da Prata, ampliação do sistema de iluminação, ampliação da malha ferroviária e aumento nas vagas de emprego. Essas mudanças geraram a substituição do sistema de vapor pela energia elétrica na fábrica e implicou diretamente no crescimento populacional de Bangu, o que foi supervisionado e taxado pelos proprietários da fábrica.

A fábrica encerrou suas atividades em 2005.



Figura 7 - Vista parcial da Fábrica de Bangu

Fonte: IBGE



Figura 8 - Anúncio da fábrica com venda de terrenos em Bangu



Figura 9 - Relevo de Bangu antes da fábrica

Fonte: IBGE

4.2 Bangu e seus Espaços

Segundo Oliveira (2006) é possível identificar três cenários espaciais, a saber; “o de “fábrica-fazenda”, constituído a partir da implantação da fábrica na Fazenda Bangu em 1889; o de “cidade-fábrica”, que ganha corpo durante a primeira grande expansão da produção têxtil da Companhia, nos anos que antecederam a Primeira Guerra Mundial; o de “fábrica da cidade”, cuja configuração se inicia em meados da década de 1930, com o processo de alienação patrimonial promovido pela companhia e a incorporação definitiva do subúrbio de Bangu à dinâmica do espaço metropolitano do Rio de Janeiro”.

Esse levantamento foi de suma importância, pois visava dialogar com os alunos como eles se apropriam dos espaços onde estão inseridas sua moradia e sua escola. Como proposta inicial estes espaços seriam visitados pelos alunos juntamente com a pesquisadora, no entanto, em função da pandemia, esta prática não ocorreu. Na elaboração dessa atividade foi realizado um mapa de Bangu, conforme figuras 10 e 11, contendo os espaços que seriam visitados e que serão detalhados a seguir.

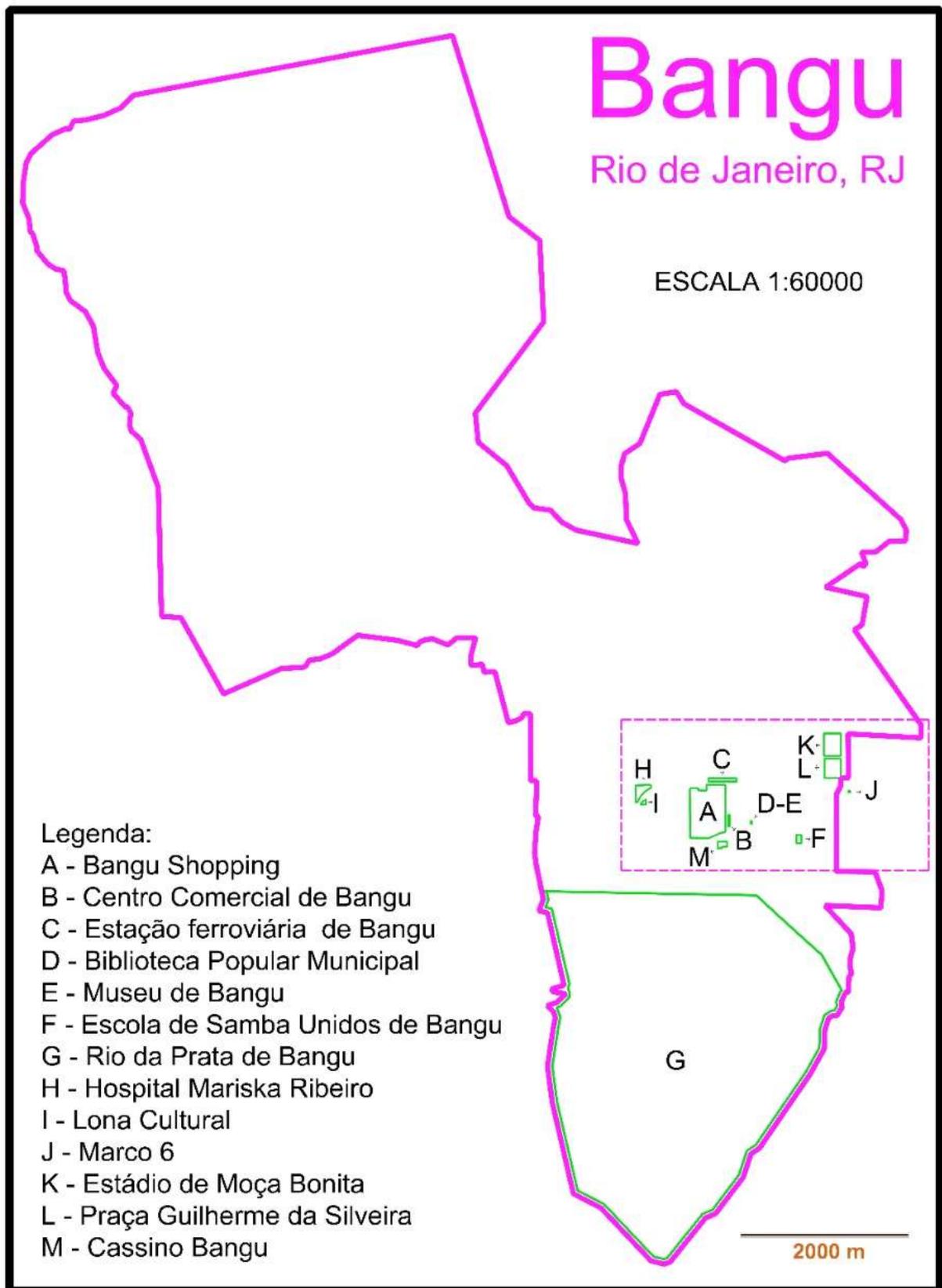


Figura 11 - Mapa de Bangu
 Fonte: Elaborado pela própria autora

Eram esses os pontos de interesse para a prática:

a) Bangu Shopping

Sua inauguração ocorreu em outubro de 2007 e sua estrutura ocupa o lugar da antiga Fábrica de Tecidos. Sua estrutura arquitetônica remete a Fábrica trazendo um diferencial que remete ao seu passado, permanecendo as fachadas de tijolos aparentes vermelhos de origem inglesa, assim como a chaminé.

Além das diversas lojas, o shopping abrange cinema na sua parte interna e na área externa há um teatro, uma capela, um parque de diversão assim como circos de forma transitória.

O empreendimento fica localizado no centro do bairro e sua extensão ocupa o quarteirão fazendo fronteiras com o centro comercial do bairro e com a estação ferroviária de Bangu.

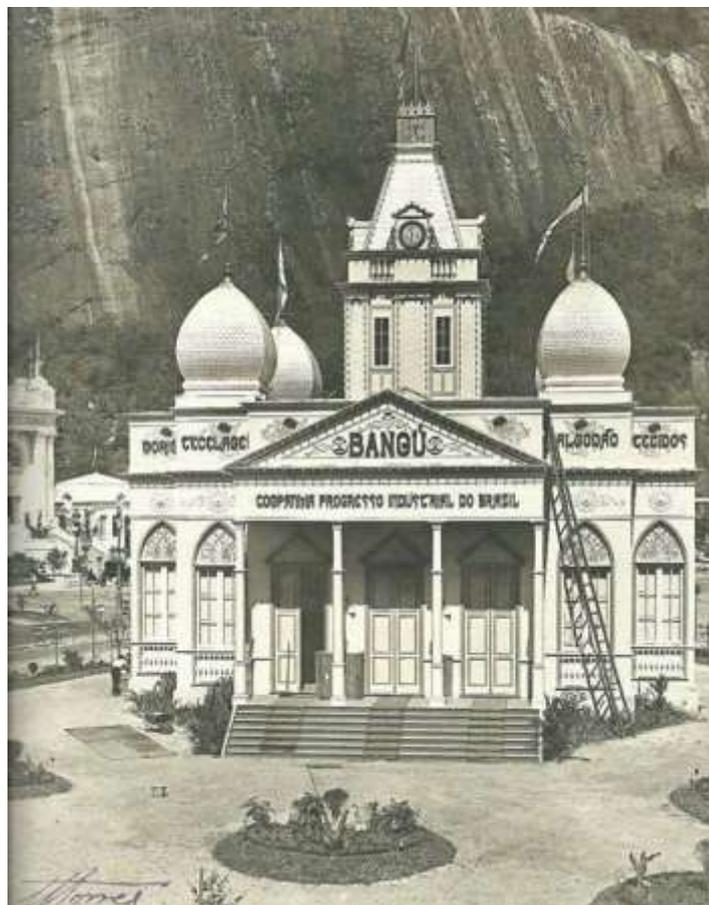


Figura 12 - Fachada da Fábrica de Bangu de 1908.

Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/560205641122102859/>



Figura 13 - Fábrica desativada antes de virar shopping
Fonte: Foto de André Coelho retirada do Jornal Extra



Figura 14 - Shopping Bangu com a arquitetura da fábrica
Fonte: Própria autora



Figura 15 - Acesso lateral do shopping em fronteira com o Calçadão de Bangu
Fonte: Própria autora



Figura 16 - Uma das inscrições da fábrica foi preservada até os dias atuais
Fonte: Própria autora



Figura 17 - Visão lateral do shopping
Fonte: Própria autora



Figura 18 - Teatro Bangu
Fonte: Própria autora

b) Centro Comercial de Bangu

Este Centro Comercial abrange diversas lojas de roupas, utilidades domésticas, setor alimentício, papelaria, bancos, farmácias e consultórios médicos, além de concentrar o Shopping Popular com centenas de camelôs numa estrutura organizada e na parte externa, outros tantos que disputam seus clientes com promoções e vozes altas oferecendo seus produtos, mostrando a quantidade elevada de pessoas que trabalham informalmente no bairro.

O trânsito de pessoas no Calçadão é intenso de segunda a sexta-feira, no horário comercial.



Figura 19 - Mercado Popular de Bangu

Fonte: Própria autora

c) Estação ferroviária de Bangu

O Ramal Ferroviário de Santa Cruz foi inaugurado em 2 de dezembro de 1878, sendo suas primeiras estações, nesta ordem, Deodoro, Realengo e Bangu, inaugurada em 1890.

Além da distância dos centros urbanos havia as barreiras físicas naturais, Maciço da Pedra Branca e do Gericinó que dificultavam o acesso à região. Sendo assim, a inauguração do ramal ferroviário de Santa Cruz foi imprescindível no processo de ocupação, expansão e desenvolvimento da Região da Zona Oeste, assim

como para atender as demandas da Fábrica, conforme fora citado anteriormente, em função de sua mobilidade.



Figura 20 - Estação de trem em Bangu

Fonte: Própria autora

d) **Biblioteca Popular Municipal Cruz e Souza**

Sua criação se deu em 1981 e atende aos moradores de Bangu e das vizinhanças, principalmente aos estudantes.

Seu nome é homenagem ao poeta João da Cruz e Souza, autor de destaque no período do Simbolismo no Brasil.

Fica localizada no Calçadão.



Figura 21 - Biblioteca Popular Municipal Cruz e Souza

Fonte: <https://www.encontrabangu.com.br/bangu/biblioteca-popular-municipal-cruz-e-souza-bangu.shtml>

e) Grêmio Literário José Mauro de Vasconcelos

Também conhecido como Centro Cultural da Região de Bangu ou até mesmo como Museu de Bangu.

Este espaço promoveu a pesquisa sobre a história do bairro, além de oferecer atividades diversas, como: cursos de pintura em tela, desenho artístico, gincanas de pintura, concursos de crônica e poesia, exposição de arte e encontros poéticos.



Figura 22 - Museu de Bangu

Fonte: <https://www.indikai.rio.br/museu-de-bangu/>

f) Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos de Bangu

É uma escola de samba do Rio de Janeiro com sede no bairro de Bangu. Sua fundação ocorreu em 15 de novembro de 1937, sendo a escola de samba mais antiga da Zona Oeste que permanece em atividade. Sua criação se deu por grupo de operários da extinta Fábrica Bangu.

Já participou do Grupo Especial do carnaval carioca nos anos de 1958 a 1960 e em 1963. A Unidos de Bangu é bicampeão da Série A, títulos conquistados em 1957 e 1962. Em 2015 foi rebaixada para Série B, no entanto, passados dois anos sagra-se campeã e retorna a Sapucaí pela Série A em 2018, onde permanece.



Figura 23 - Bandeira da Escola de Samba Unidos de Bangu

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Unidos_de_Bangu

g) Rio da Prata de Bangu

Região que abrigava a sede da antiga Fazenda Bangu, sendo uma área de campo com predominância rural.

h) Hospital Mariska Ribeiro

Localizado na Praça 1º de maio, de frente para Lona Cultural.

Hospital público que é considerado referência no atendimento à mulher principalmente no que diz respeito a atendimento ao parto humanizado, sendo um dos pioneiros neste tipo de abordagem e assistência a mulher gestante.



Figura 24 - Hospital da Mulher Mariska Ribeiro

Fonte: Própria autora

i) Lona Cultural Hermeto Pascoal ou Areninha Carioca Hermeto Pascoal

Criado em 1997 e seu nome é uma homenagem ao músico e instrumentista Hermeto Pascoal, antigo morador da região. Oferece peças, cinema, música, cursos, palestras além de oficinas de teatro infantil, violão, capoeira e ioga.



Figura 25 - Lona Cultural Hermeto Pascoal

Fonte: Própria autora

j) Marco 6

Este é um marco histórico de concreto conhecido como Marco Imperial, um dos poucos ainda existentes, que serviam para demarcar a distância, em léguas, que a comitiva da Família Imperial percorria, principalmente Dom Pedro I para encontrar a Marquesa de Santos pela Estrada Real de Santa Cruz, atual Avenida de Santa Cruz.

A família imperial morava no atual Museu Nacional da Quinta da Boa Vista, localizado em São Cristóvão e possuíam também um palacete na Fazenda Santa Cruz, localizada no bairro de Santa Cruz. No entanto, na época este trajeto era percorrido em quase dois dias, através das carruagens.

A estratégia da comitiva imperial era realizar uma parada em Bangu, trajeto este realizado em aproximadamente 12 (doze) horas, correspondendo à metade do caminho. As paradas eram realizadas na sede de uma das fazendas da região, sendo elas: Fazenda Bangu, Fazenda Viegas e Fazenda do Barata. Esses locais também serviam de parada nas viagens para São Paulo ou o Sul do Brasil.

Localizado na região da Estação Guilherme da Silveira se torna o primeiro núcleo comercial do bairro, com registros a partir de 1891.



Figura 26 - Marco 6

Fonte: Própria autora

k) Estádio Proletário Guilherme da Silveira Filho

Também conhecido como Estádio de Moça Bonita pertence ao Bangu Atlético Clube e foi inaugurado em 17 de novembro de 1947 e foi construído com patrocínio da Fábrica Bangu, no que tange a compra de equipamentos esportivos e o pagamento do terreno com o campo de futebol.

Inicialmente o futebol era acessível somente às elites e com a prática do futebol nas fábricas o esporte acabou se popularizando, sendo um dos mais famosos. Era mantidos pela Companhia Progresso Industrial, segundo Fatima Antunes. Primeiramente essa “democratização” ocorreu pela dificuldade de deslocamento de outras empresas em função da localização e assim, os trabalhadores tiveram acesso ao jogo visto à necessidade da composição de duas equipes para ocorrer à prática da modalidade.

Este fato tornou-se rapidamente conhecido visto que o clube de Bangu foi para a disputa da divisão principal. E como o clube ostentava o nome da fábrica notou-se o ótimo veículo publicitário na divulgação e venda dos produtos fazendo com que as fábricas investissem no operário-jogador que possuíam alguns benefícios como dispensas no horário de trabalho para treinamento, possibilidade

mais rápida de promoção e adicionais no salário, o que acarretou um conflito entre os trabalhadores haja vista as disputas internas por posição no time.

Foi também em Bangu que ocorreu a primeira partida oficial de futebol no Brasil, local este que fica com uma estatueta e placas como um minimuseu a céu aberto no estacionamento do Bangu Shopping, conforme figura abaixo, onde se trata da história da Fábrica assim como suas contribuições para o futebol.



Figura 27 - Minimuseu a céu aberto

Fonte: Própria autora

1) **Praça Guilherme da Silveira**

Conhecida formalmente como Praça Nova Jales passou por uma grande reforma e reinauguração em 2010. Sua localização se dá em frente à estação de trem Guilherme da Silveira e abriga o Estádio do Bangu Atlético Clube.

É a maior praça da Zona Oeste e possui pistas de caminhada, parque infantil, área de descanso e confraternização, pista de skate, quadras poliesportivas e Academia da Terceira Idade, considerada e utilizada por muitos moradores como uma opção de lazer.

Na praça há um Busto em homenagem a Guilherme da Silveira que foi Ministro da Fazenda na Era Vargas e presidente do Bangu Atlético Clube, sendo o principal responsável pela construção do seu Estádio. Também foi presidente da Fábrica de Bangu.



Figuras 28 e 29 - Praça Guilherme da Silveira
Fonte: Própria autora

m) Cassino Bangu Sociedade Cultural Recreativa e Esportiva

Foi sede da antiga Sociedade Musical Progresso de Bangu fundado em 1892, por iniciativa dos Operários da Fábrica Bangu, com participação da Fábrica na construção de uma nova sede em função das condições precárias onde os empregados se reuniam. Passados alguns anos a Sociedade Musical passa a se denominar Cassino Bangu.

Em 1908, o lugar que era ponto de lazer dos trabalhadores da fábrica adquire um cinematógrafo para exibição de cinema, recebendo em 1926, o Presidente da República Washington Luiz e o Deputado Júlio Prestes.

É considerado ponto histórico do bairro e está localizado no Centro do mesmo, mesmo lugar que na década de 60 dividia com o Bangu Atlético Clube o título de um dos melhores clubes da Zona Oeste do Rio de Janeiro.

5 DESENVOLVIMENTO TEÓRICO

Após a criação da Confederação Brasileira de Orientação em 1999, foi desenvolvida pela sua diretoria, a Política Nacional para o Desenvolvimento do Esporte Orientação (PNDO), contendo três vertentes: competitiva, ambiental e pedagógica. A vertente pedagógica traçou como objetivo inserir nos currículos escolares, em todos os níveis, o desporto Orientação. Cabe destacar que não é intenção deste trabalho discutir a prática desse esporte na grade curricular, no entanto defender a importância da sua aplicação e aprendizados relacionados a diversas disciplinas a partir desse conhecimento.

Segundo Blaia (2008) “a corrida de orientação pode ser utilizada como ferramenta motivadora não só na educação física, mas também, em outros campos do conhecimento devido ao seu potencial interdisciplinar. Esta atividade permite sua utilização tanto no contexto do jogo como também do esporte, em contexto recreativo, competitivo e pedagógico. Mas, sua principal característica é a possibilidade de alunos de diferentes níveis escolares ou mesmo de características físicas diferentes, interagirem no mesmo instante por estarem envolvidos não só atributos físicos ou só cognitivos”.

Wilson (2017) citando Anderson (2003) e Zentai (2011) coloca que a leitura de mapas é uma habilidade básica da vida e permite que os indivíduos pensem crítica e analiticamente. Diversos países europeus, especialmente nos países nórdicos, têm a modalidade implementada no sistema escolar. Outros países ao redor do mundo também possuem a modalidade nas escolas, porém ainda não de forma sistematizada tão ampla. A Orientação deve ser oferecida como uma atividade recreativa que segundo Ercan (2016) proporciona aprendizado e diversão como um método educacional que afeta positivamente o desenvolvimento físico, cognitivo, psicológico e social de um indivíduo.

Stefanello (2009) afirma que o estudo das representações espaciais, possibilita uma melhor compreensão de ordenamento espacial, fazendo com que o aluno conheça e domine o espaço geográfico.

Considerando a Orientação como uma modalidade que necessita da compreensão dos símbolos e cores utilizados no mapa buscando uma interpretação do terreno-mapa acredita-se que esta atividade possa despertar uma melhor compreensão social do espaço, enquanto uma proposta articulando diversas disciplinas.

5.1 Território

O conceito de território perpassa por muitas definições e sua amplitude permite um diálogo interdisciplinar tais como: geografia (interação sociedade-natureza), psicologia (construção de subjetividade/identidade), sociologia (intervenção nas relações sociais), antropologia (dimensão simbólica), economia (noção de espaço vinculado à força produtiva) e ciência política (relações de poder). O que se pode afirmar é que, desde a origem, a palavra território tem um forte vínculo ao espaço físico, a terra.

Rogério Haesbaert (2003) conceitua território a partir de três pontos básicos: 1) jurídico-política, quando o território é entendido como um espaço delimitado e controlado por um poder, especialmente estatal; 2) cultural, onde o território é visto como produto de apropriação feito através do imaginário e/ou identidade social

sobre o espaço; 3) econômica, quando o território é encarado como produto espacial do embate entre classes sociais e da relação entre classe-trabalho.

“A fragmentação é uma das características mais fortes da cidade contemporânea, perpassa o urbanismo, as questões sociais e culturais. Em que pese às diferentes escalas administrativas, a cidade hoje é formada por um somatório de várias cidades, que no território podem ser compatíveis segundo questões em comum. Mas há também o oposto: a cidade que pertence a um determinado território administrativamente, mas sua comunidade não possui o sentimento de pertencimento da figura representativa em que está inserida. Essa fragmentação pode ser apresentada de forma variada, na questão física e morfológica da cidade, nas relações socioeconômicas e na identidade compartilhada pelas pessoas” (PINTO, p.14).

De que forma esta fragmentação restringe uma visão mais global acerca do espaço? Certeau utiliza o termo “consumo” do espaço público. Acredita-se que com a vivência da Orientação, os alunos apresentem níveis mais conscientes desta designação.

Pretendia-se entender de que forma estes indivíduos interagem com o ambiente que o cerca. Será possível verificar as formas de representação mental que este faz do espaço ambiental? Entende-se que a mente humana absorve e processa as informações advindas do ambiente físico.

Importante salientar que a cidade não é sinônimo apenas de arquitetura urbana, mas um conjunto dinâmico de relações entre diferentes atores sociais, em que cada um ao seu modo negocia sua forma de fazer cidade.

Para Lefebvre (1992) “o espaço (social) é um produto (social)” (p.26), compreendendo as relações sociais e, portanto, utiliza o termo espaço da vida social. Além disso, considera que o modo de produção da sociedade é o que determina a produção do espaço. Numa perspectiva social, principalmente para os marxistas, as “relações de produção” são consideradas como fundamento para compreender a organização do território. Foucault sugere que o poder sobrevive pelo espaço disciplinar e Deleuze e Guatarri sugerem que para reproduzir o controle social, o Estado deve reproduzir o controle espacial. No entanto, Sack enfatiza que a territorialidade está relacionada à influência e controle de pessoas e/ou relações sociais, mas que nem toda relação de poder é territorial.

Godelier citado por Haesbaert enfatiza que no processo de territorialização alguns indivíduos vão se utilizar de referências espaciais da própria natureza na construção de suas identidades.

Sendo assim, pretende-se investigar se o aluno após a vivência da Orientação consegue trazer para sua realidade os esquemas utilizados no campo de jogo (local onde pratica o desporto), ou seja, se no dia-a-dia utiliza o espaço como forma de entender melhor o seu entorno.

Lefebvre (1992) propõe que a produção do espaço Através dos instrumentos aplicados neste estudo pretende-se identificar de que forma os indivíduos o ocorre partir de três elementos, sendo eles: prática social quando o espaço é percebido pelos indivíduos, representações do espaço feitas por engenheiros e cientistas; e espaço representacional que é aquele vivido pelos indivíduos. Já Haesbaert (2004) ressalta a importância de compreender o território para entendimento do que vem a ser territorialidade e modo de apropriação do espaço. Território tem a ver com dominação (jurídico-política) da terra (com o medo que alguns têm de perder seu espaço, a dominação real desse espaço), ao mesmo tempo, podemos dizer que, para

aqueles que têm o privilégio de usufruí-lo, o território inspira a identificação (positiva) e a efetiva “apropriação”.

“Território, dessa forma, se relaciona a poder no sentido mais efetivo de dominação, como também às formas de poder simbólicas, de apropriação onde os sujeitos se apropriam de um dado espaço, constroem sua identidade com ele, produzindo-o e mantendo-o”, afirma Haesbaert.

Marques (2010) define “o território como um agregado de sistemas de ações e sistemas de objetos poderá significar que espaço e território, embora diferentes, são o mesmo. Será pacífico afirmar-se, então, que todo o território é um espaço (nem sempre geográfico, podendo assumir configurações sociais, políticas, culturais, cibernéticas, etc.). Por outro lado, é também evidente que nem sempre e nem todo o espaço é um território. Os territórios movimentam-se e fixam-se sobre o espaço geográfico. O espaço geográfico de uma nação é o seu território. E no interior deste espaço há geralmente uma multiplicidade de territórios. São as relações sociais que transformam o espaço em território e vice-versa, no entanto, o espaço é um a priori ao passo que o território se caracteriza por ser um a posteriori. Além disso, o espaço é perene e o território é intermitente. Da mesma forma que o espaço e o território são fundamentais para que as relações sociais possam efetivar-se, estas produzem de modo contínuo, novos espaços e novos territórios de contornos contraditórios, interdependentes e conflituosos. Esses vínculos são indissociáveis”.

Deleuze e Guatarri (1992) tratam sobre dinâmica da criação e destruição de territórios: “Os territórios sempre comportam dentro de si vetores de desterritorialização e de reterritorialização. Muito mais que uma coisa ou um objeto, o território é um ato, uma ação, uma relação, um movimento (de territorialização e desterritorialização), um ritmo, um movimento que se repete e sobre o qual se exerce um controle”. Nessa perspectiva deleuze-guatarriana a dinâmica do capitalismo está diretamente associada a processos de desterritorialização, ou seja, de abandono do território.

Uma discussão a cerca da desterritorialização associada ao mito da revolução traz alguns autores que consideram que a modernidade faz essa dinâmica do abandono do território como princípio enquanto que alguns defendem que a sociedade moderna seria a mais territorializada. Há também estudos que apontam a associação da desterritorialização, as crises nas representações sociais.

Para Haesbaerth (2004), no lugar da desterritorialização, na verdade o que temos hoje é um novo tipo de apropriação e dominação do espaço através de territórios-rede onde podemos ter acesso a uma multiplicidade de territórios, configurando outro(s). A desterritorialização deve ser enfatizada em seu sentido social, ligada à crescente dinâmica de exclusão socioespacial a que denominamos “aglomerados humanos da exclusão”.

Harvey citado na obra de Haesbaerth traz a seguinte reflexão: “Se há uma crise de representação do espaço e do tempo, têm de ser criadas novas maneiras de pensar e de sentir (...)”

Cabe ressaltar que havia pouca referência bibliográfica com abordagem em Orientação, havendo um aumento significativo de publicações, comparado aos períodos anteriores, na última década: 2011-2020. Sendo assim, este trabalho tem a intenção de trazer contribuições para a área e principalmente, despertar uma maior subjetividade crítica através da percepção espacial.

6 PERCURSO METODOLÓGICO

Gil (2002) ressalta a importância de pesquisas bibliográficas para saber o que já foi produzido sobre determinado tema. No entanto, existem diversos tipos de revisões. Para este estudo optou-se pela pesquisa com base em revisão sistemática em razão do fechamento das escolas, em virtude da pandemia.

Para fazer uma análise da evidência científica, propomos uma revisão da literatura, com base nos preceitos da revisão sistemática, identificando os trabalhos já publicados e analisando-os. O presente estudo se baseou nas diretrizes do *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA).

O protocolo PRISMA refere-se a um *check list* com itens que auxiliam a realização da revisão sistemática.

Trata-se de um estudo descritivo sobre a prática da Orientação e a construção social do espaço.

Segundo Sampaio e Mancini (2007), a revisão sistemática da literatura é atividade fundamental para a prática baseada em evidência, pois condensa o conhecimento fracionado em um único estudo, permitindo ao pesquisador uma cobertura mais ampla do que poderia obter com a realização de vários estudos, identificando os de menor rigor acadêmico e os de maior confiabilidade.

O processo de busca bibliográfica foi realizado nos meses de fevereiro e março de 2021 nas bases de dados *Google Scholar* e *Crossref*.

Pereira e Bachion (2006) comentam que para realizar a revisão sistemática o pesquisador deve “(...) desenvolver habilidades de análises de artigos científicos, síntese de resultados encontrados e analisar criticamente as evidências encontradas”.

Na revisão sistemática da literatura, o pesquisador utiliza uma metodologia clara e bem definida, planejada para responder a uma pergunta específica, utilizando métodos para identificar, selecionar, avaliar criticamente os estudos, coletar e analisar os dados. Toda essa estrutura é utilizada para evitar viés (tendenciosidade), visando minimizar os erros nas conclusões, possibilitando que diferentes pesquisadores que seguirem os mesmos passos descritos, cheguem às mesmas conclusões. A revisão sistemática é, portanto, uma apropriação das melhores evidências externas, contribuindo para a tomada de decisão baseada em evidência. (PEREIRA; BACHION, 2006).

A estrutura do método da revisão sistemática da presente pesquisa foi adaptada de Sampaio e Mancini (2007), conforme os passos apresentados a seguir:

- (a) Definição da pergunta científica, especificando população e intervenção de interesse;
- (b) Identificação da base de dados a ser consultada;
- (c) Definição das palavras-chave e estratégias de busca;
- (d) Estabelecimento de critérios para a seleção dos artigos a partir da busca;
- (e) Condução da busca nas bases de dados escolhidas e com base na(s) estratégia(s) definida(s);
- (f) Aplicação dos critérios na seleção dos artigos e justificar possíveis exclusões;
- (g) Análise crítica e avaliação de todos os estudos incluídos na revisão;
- (h) Preparação do resumo crítico, sintetizando as informações disponibilizadas pelo corpus de artigos que foram incluídos na revisão e;
- (i) Apresentação da conclusão, informando a evidência sobre os efeitos da intervenção.

Dessa forma, o passo a passo da revisão foi realizado da seguinte forma:

6.1 Questão Norteadora

A primeira etapa da revisão sistemática consiste na formulação da pergunta. Esta etapa aparentemente simples é de fundamental importância, pois a resolução do problema somente se dá se a questão for bem definida. Segundo Castro (2009), uma pergunta bem formulada facilita a tomada de decisão sobre o que deve ou não ser incluído na revisão.

Seguindo o protocolo prisma, a pergunta norteadora foi: As práticas do esporte Orientação favorecem a compreensão social do espaço pelos estudantes do ensino fundamental?

6.2 Descritores

Para localizar e selecionar os estudos a serem incluídos na revisão sugere-se utilizar as bases de dados eletrônicas. Para tanto foram realizados diversos testes com as palavras e o uso dos *operadores booleanos* (OR e AND) nos meses de fevereiro e março de 2021, a fim de identificar as melhores palavras a serem utilizadas na pesquisa e assim encontrar o maior número possível de estudos na área, incluindo os mais relevantes.

Os testes também foram realizados com e sem o uso das aspas, no entanto, não ocorreram modificações nos resultados.

Dessa forma, após a realização dos testes e para responder a pergunta foram selecionadas as seguintes palavras chave: “esporte orientação” OR “corrida de orientação” OR “orientação esporte” OR “esporte de orientação” OR “prática corporal de aventura” AND “espaço” OR “território” OR “construção social do espaço” AND “escola” OR “escolas” OR “ensino”.

Cabe salientar que essa quantidade elevada de termos na literatura para se referir à mesma prática (“esporte orientação”, “corrida de orientação”, “orientação esporte”, “esporte de orientação”, “prática corporal de aventura”) ocorreu visando a não exclusão de trabalhos importantes. Foi necessário ampliar os termos e realizar diversos testes em função da abrangência da denominação do termo Orientação no Brasil.

É importante mencionar que foram feitas buscas preliminares, para verificar se existia alguma revisão sistemática com a problemática levantada e não há este tipo de estudo com essa temática e por isso, foi dada continuidade a pesquisa.

6.3 Critérios para Inclusão e Exclusão dos Artigos

Os critérios de elegibilidade foram definidos a partir da leitura dos trabalhos.

Dessa forma, foram definidos os critérios de inclusão e exclusão, conforme tabela 1: os termos de inclusão são (a) publicação em português, (b) estudos realizados exclusivamente no âmbito escolar, (c) trabalhos em forma de artigo científico e (d) práticas realizadas no ensino fundamental. Já os termos de exclusão são (a) trabalho duplicado, (b) estudos que utilizem a expressão orientação sem remeter a modalidade esportiva, (c) não contempla o foco/assunto abordado nesta revisão, (d) estudos de outras práticas conjugadas e (e) links não encontrados para leitura.

Tabela 1 - Critérios de inclusão e exclusão do estudo

Fonte: Elaborado pela autora

Critério de inclusão	Critério de exclusão
(I1) Publicação em português	(E1) trabalho duplicado
(I2) Estudos realizados exclusivamente no âmbito escolar	(E2) estudos que utilizem a expressão orientação sem remeter a modalidade esportiva
(I3) trabalhos em forma de artigo científico	(E3) não contempla o foco/assunto abordado nesta revisão
(I4) práticas realizadas no ensino fundamental	(E4) estudos de outras práticas conjugadas
	(E5) links não encontrados para leitura

Fonte: Elaborado pela autora

6.4 Busca Eletrônica

Na pesquisa realizada no dia 19 de março de 2021, pelo *software Harzing's Publish or Persih* foram feitas pesquisas em 2 (duas) bases de dados e encontrados 200 resultados na base *Crossref* e 614 no *Google Scholar*, perfazendo 814 resultados.

Segundo a Editora *Omnis Scientia*, o *Crossref* é um catálogo de publicações científicas que se utiliza do *Digital Object Identifier (DOI)*, um código que identifica o arquivo digital para que ele não se perca na rede digital.

O *Google Scholar* é considerado uma ferramenta do *Google* mais seletiva voltada para literatura acadêmica que coleta resultados tanto em repositórios de instituições de ensino como em bibliotecas de órgãos governamentais.

Todos os arquivos encontrados na pesquisa foram baixados no *Mendeley*, um gerenciador de referência que permite acessar os dados principais de cada arquivo como autor, título, ano e local de publicação, e para maioria ainda permite acesso ao resumo e o link de acesso ao trabalho. A visualização desses detalhes foram de suma importância para aplicação dos critérios de elegibilidade e seleção dos estudos.

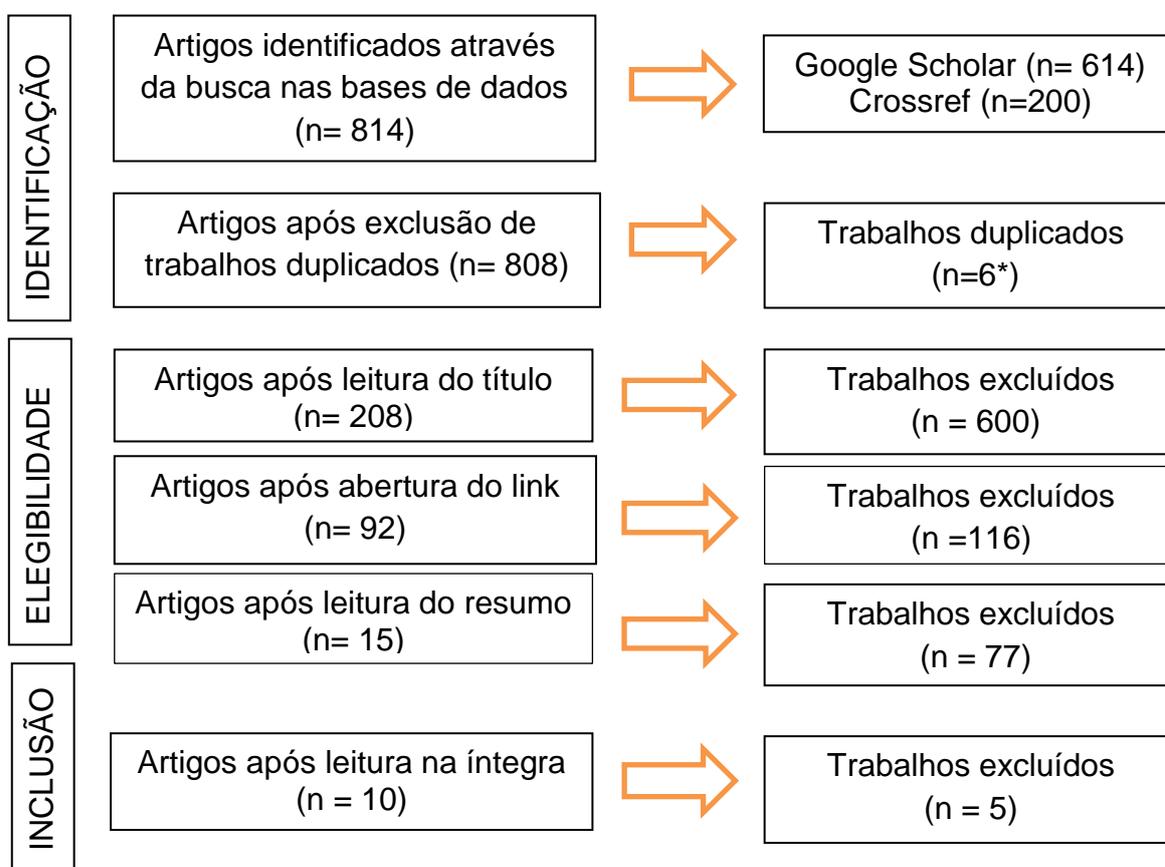
6.5 Seleção dos Estudos

Conforme mencionado, a seleção dos estudos foi realizada com o auxílio de um gerenciador de referência, o *Mendeley*.

Os trabalhos foram analisados e selecionados um a um, seguindo os critérios de inclusão e exclusão. A seleção passou por quatro etapas, conforme descrito abaixo e apresentado na tabela 2.

Tabela 2 – Fluxograma de Seleção de Estudos (PRISMA)

Fonte: Elaborado pela autora



Fonte: Elaboração da autora

*Ao total foram encontrados 8 trabalhos duplicados, mas em etapas diferentes, conforme redigido no texto: 6 trabalhos identificados automaticamente pelo gerenciador de referências e 2 trabalhos identificados manualmente pela autora após abertura dos links.

a) **Leitura dos Títulos e Palavras-chave**

A partir da leitura dos títulos e das palavras-chaves dos estudos foi possível aplicar os critérios de exclusão, obtendo-se os seguintes resultados:

E1: 6 trabalhos duplicados, identificados automaticamente pelo programa;

E2: 145 trabalhos que utilizam o termo orientação sem se remeter a prática esportiva, foco dessa pesquisa;

Notou-se que embora nos descritores tenha se utilizado a palavra orientação de diversas formas visando alcançar uma quantidade elevada dos trabalhos publicados, muitos trabalhos foram excluídos porque este termo foi utilizado remetendo a outros significados que não ao esporte (orientação sexual, orientação profissional, nutricional, etc.). No entanto, também foram encontrados trabalhos que se utilizavam da orientação esportiva sem se referir ao esporte Orientação e sim, a qualquer modalidade esportiva.

E3: 392 arquivos que foram categorizados para um melhor mapeamento e colaboração na pesquisa, mas que não contemplavam o foco/objeto de estudo dessa dissertação;

Dos 392 arquivos excluídos, 105 não tinham qualquer relação com o tema orientação e 54 estavam relacionadas a outras práticas corporais. No entanto, os demais, 233 estudos tinham correlação com a Orientação, o que demonstra que a literatura nessa área está em alta.

Um programa que apareceu em 52 publicações foi o Programa Mais Educação, que trabalha com educação integral e tem a Orientação somada a outras atividades e por isso foram excluídas. Treze publicações estavam relacionadas a outros programas ou projetos e 11, atividades militares e de escoteiros.

No ambiente escolar, modalidade que a Orientação vem ganhando cada vez mais espaço, foram desenvolvidas 17 pesquisas no Ensino Médio, 5 no Ensino Superior, 3 na Educação de Jovens e Adultos (EJA), 1 (uma) atividade voltada exclusivamente para educação infantil, além de 9 relacionadas às tecnologias voltadas ao esporte que podem ser aplicadas na escola. Além disso, foram registradas 28 atividades voltadas para formação acadêmica ou formação continuada de docentes nas seguintes disciplinas: 19 para educação física, 6 para geografia e 3 para ciências.

Outrossim, foram computados 23 estudos voltados para educação integral tendo a Orientação como uma das atividades ofertadas. No entanto, de forma simultânea com outras, 15 estudos para educação ambiental, 19 relacionados ao campo da aventura, turismo e lazer, 9 voltados para saúde, 5 para alto rendimento e 5 para histórico e características da modalidade. Por fim, 18 estudos foram enquadrados em diversos conteúdos.

E4: 63 estudos com outras práticas conjugadas, práticas essas majoritariamente esportivas e relacionadas às práticas corporais de aventura, previstas na BNCC.

E5: Nessa fase, nenhum estudo se enquadrou nessa categoria.

b) Abertura dos links

Alguns arquivos apresentaram problemas no título e por isso foi necessário fazer a abertura dos links de 116 arquivos a fim de prosseguir com a análise do estudo, sendo eles: relatório (27), descrito como “no title” (33), título em língua estrangeira (4), título incompleto (10), título com nome do autor (6), título pelo nome do órgão responsável (12), pelo nome do Congresso (7) e outras categorias (17).

Todos os arquivos sem título (“no title”) correspondiam a 3 categorias: 25 a Revista Asephallus de Orientação Lacaiana, 6 a Revista Brasileira de Orientação Profissional e 2 ao III Anais Semana de Orientação Filosófica e Acadêmica. Percebeu-se que todos os arquivos referentes a essas revistas não se enquadravam na temática estudada e que somente foram inseridas aos resultados por conterem o termo orientação no nome da revista ou do evento, enquadrando-se no item de exclusão E2.

Os relatórios de estágio profissional, nome que recebem as dissertações de universidades portuguesas, relacionados aos estágios e vivências para obtenção do grau de Mestre em Educação Física, no caso de todos os aqui citados, também entraram nessa listagem dos links perfazendo 27 links que não constavam o nome no título e sim o termo relatório. Pelos critérios de inclusão, esses arquivos por não se tratarem de artigo científico já estariam eliminados, mas eles precisavam ser enquadrados nos critérios de exclusão adequadamente e, portanto foram analisados individualmente.

Um fato inusitado aconteceu com o link da revista do IV Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura (CBAA) visto que na mesma revista existiam 5 (cinco) artigos publicados com a temática do esporte Orientação, impossibilitando saber qual artigo estava diretamente relacionado à busca e dificultando a classificação de acordo com os

critérios de elegibilidade. Dessa forma, os mesmos serão descritos aqui e no montante dessa etapa este link não estará computado. Assim sendo, 3 artigos inserem-se no item E3 (artigos com a temática da orientação, mas não contemplam o foco do estudo - 1 relacionado a grupo especial, 1 a praticantes de Orientação e 1 voltado para turismo) e 2 artigos, no item E4 (estudo com outras práticas conjugadas, no caso, Orientação somado a outras práticas de aventura).

Sendo assim, a aplicação do critério de exclusão ocorreu da seguinte forma:

E1: 2 arquivos duplicados que foram identificados de forma manual, após abertura dos links;

E2: 35 estudos com utilização do termo orientação sem vínculo ao esporte em destaque;

E3: 43 arquivos, sendo 8 provenientes dos relatórios de estágio profissional;

Neste critério de exclusão, também se realizou os subgrupos em que os estudos se inseriam. Dos 44 arquivos, 12 não se relacionavam ao tema, sendo 3 interligados aos relatórios de estágio. Oito ligados ao Programa Mais Educação, 3 relacionados a educação integral, 3 desenvolvidos no Ensino Médio, 2 relacionados a formação docente (1 em geografia e 1 em educação física), 1 relacionado a um projeto e 1 relacionado a atividade escoteira. Além disso, 5 estudos relacionados a outras práticas corporais, 4 voltados para saúde e lazer, 1 ao alto rendimento e 1 ao turismo, tendo ainda uma reportagem e um nome do artigo aprovado para publicação em forma de resumo.

E4: 26 arquivos, sendo 19 provenientes dos relatórios;

E5: 10 arquivos que não foi possível localizar o link diretamente pelo gerenciador de referência e nem mesmo através de busca direta pelo título ou pelo local de publicação em outra plataforma ou site como Google Acadêmico, por exemplo.

c) **Leitura dos resumos**

Nas fases anteriores foram excluídos 722 estudos e para dar continuidade, realizou-se a leitura de 92 resumos. Em alguns casos, foi necessária uma leitura superficial sobre os artigos visando mais informações. Sendo assim, aplicando os critérios de elegibilidade o panorama de estudos foram novamente definidos:

E1: nenhum arquivo;

E2: nenhum termo orientação sem viés do estudo identificado;

E3: 61 estudos.

Nesta etapa, os estudos excluídos enquadraram-se nas seguintes categorias: uma tese e duas dissertações. Estes estariam excluídos por si só por não tratar-se de um artigo científico, no entanto considera-se importante também esmiuçar os trabalhos produzidos na área, mesmo que não estejam totalmente voltados ao objeto de estudo dessa pesquisa. Dessa forma a tese intitulada “Corrida de orientação: uma proposta metodológica para o ensino da Geografia e da Cartografia” de Elka Paccelli Scherma que trata sobre a metodologia para ensino e aprendizagem da linguagem cartográfica através da Geografia, Cartografia e o esporte orientação. Já as dissertações, “A orientação geográfica como recurso didático” de Luiz Sidney Barcelos Pereira que traz a orientação como recurso didático para o ensino da geografia e também “Apropriação espacial em pátios escolares de ensino fundamental público em Palmitinho – RS” de Gracielle Rodrigues da Fonseca Rech que tratam sobre a apropriação e uso do local numa perspectiva da arquitetura e urbanismo. Embora não façam correlação direta com o esporte tratam sobre a questão do consumo do espaço/território escolar.

A maior parte dos artigos se referiam à formação docente e/ou continuada com 14 artigos que abordavam essa temática, sendo 9 na educação física, 3 na geografia, 1 na

matemática e 1 na pedagogia. Onze artigos abordaram a Orientação como proposta interdisciplinar em sua maioria envolvendo as disciplinas educação física e geografia, mas as disciplinas de matemática, história, biologia, artes e química também foram contempladas.

Ainda na vertente pedagógica, 9 estudos foram realizados no Ensino Médio, 2 na educação integral, 1 na EJA e 1 na Educação Infantil, além de 1 projeto no ramo escoteiro e uma voltado para vertente ambiental. Os demais, 18 estão relacionadas a diversos temas com cunho também pedagógico, como material didático, currículo escolar, vivências e sequência pedagógica.

E4: 10 artigos com práticas conjugadas;

E5: 6 arquivos não foram localizados diretamente pelo gerenciador de referência e nem mesmo através da busca pelo nome do título diretamente pelo Google Acadêmico e, portanto, foram excluídos.

d) Leitura do artigo na íntegra

Feita toda a triagem, 15 artigos foram separados para serem lidos na íntegra. Após a seleção e leitura completa, verificou-se que 10 artigos seriam analisados e 5 artigos foram excluídos, enquadrados nos critérios de exclusão, em virtude dos artigos não estarem relacionados a temática abordada nesta revisão, conforme descrito abaixo:

E1: nenhum artigo;

E2: Um dos artigos tratava sobre a orientação relacionando-se a localização geográfica, mas não se referia à prática esportiva;

E3: 4 artigos, sendo eles: 1 estudo realizado com estudantes do Ensino Médio, 1 estudo voltado para tecnologia e aplicação de softwares, 1 estudo sobre mapeamento e 1 estudo que abordava a Orientação como conteúdo da educação física escolar.

E4: nenhum artigo;

E5: nenhum artigo;

Dessa forma pode-se verificar na tabela 2 o fluxograma de seleção dos estudos, etapa por etapa, conforme previsto no Protocolo PRISMA.

7 RESULTADOS/DISCUSSÃO

Outra etapa da revisão sistemática é a verificação dos estudos selecionados.

O processo de análise dos dados foi de natureza quali-quantitativa.

Os estudos incluídos na revisão foram analisados individualmente e também de forma comparativa quanto a ano de publicação, qualidade das revistas, assim como locais de publicação e das práticas realizadas, incluindo se utilizavam ou não ambientes fora do espaço escolar. Também foi analisado o tipo de metodologia adotado pelos autores, a quantidade de autores por artigo, utilização ou não de documentos norteadores e em ciclo do ensino fundamental ou ano escolar as pesquisas foram aplicadas.

7.1 Características dos Estudos Incluídos na Revisão Sistemática

Nesta etapa cada artigo incluído na revisão será melhor detalhado, evidenciando suas características como metodologia, ano de publicação, se ocorreram ou não as práticas de Orientação, local onde ocorreram as práticas, qualidade dos periódicos, disciplinas envolvidas, objetivos dos estudos, assim como discussão sobre a temática envolvendo a prática da Orientação e a construção social do espaço. E por fim se respondem ou não a pergunta, questão norteadora dessa pesquisa.

a) Artigo 1

O artigo 1 intitulado “Corrida de Orientação: uma proposta metodológica transdisciplinar da Escola Classe Córrego do Meio” de autoria de Livia dos Reis Amorim foi publicado em 2019.

A Escola Classe Córrego do Meio é uma escola pública e fica localizada na área rural em Planaltina, no Distrito Federal.

A autora traz o estudo da Orientação como conteúdo escolar com intuito dos alunos superarem suas dificuldades em ler, analisar e interpretar mapas, numa parceria entre a escola e o Clube de Orientação Tiradentes, clube local de atletas orientistas.

O estudo tem como objetivos: “Propor uma metodologia interdisciplinar para o ensino geográfico e cartográfico a fim de melhorar o entendimento dos alunos sobre os conceitos de localização e orientação espacial” e “Analisar a interferência da Corrida de Orientação no processo de construção do conhecimento escolar, utilizando a percepção do espaço através da prática do esporte de Orientação, a fim de desenvolver uma metodologia transdisciplinar para o ensino geográfico e cartográfico, buscando melhorar o entendimento dos alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental sobre os conceitos de localização e orientação espacial”.

O projeto foi desenvolvido de forma interdisciplinar e transdisciplinar, com a participação das disciplinas de geografia, educação ambiental, história, educação física, português, ciências e matemática. O artigo inclusive traz de que forma a Orientação pode ser utilizada como recurso metodológico para cada uma dessas disciplinas.

O estudo utiliza como base os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) tanto para aplicação da transversalidade como também para utilização da Orientação como conteúdo da educação física no âmbito escolar. Embora o ano de publicação

do artigo seja posterior a BNCC, documento que traz a Orientação como conteúdo oficial, o mesmo não foi utilizado como referência. Acredita-se que por conta do público-alvo da escola ser a educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental e, o documento norteador seja voltado de forma mais específica para as séries finais do ensino fundamental.

Amorim (2019) afirma que a prática desse esporte atinge os objetivos do currículo e por isso deve ser utilizada como estratégia de ensino, enfatizando que “os alunos que participam da “Corrida de Orientação” agregam os conceitos, de geomorfologia e cartografia na interpretação, leitura e produção do espaço que ocupam e da paisagem que observam”.

As atividades práticas aconteceram nas proximidades da escola e nas trilhas da região do Ecomuseu Pedra Fundamental e trazem questões relacionadas às diversas formas de uso e ocupação do espaço físico, conteúdo este que não era abordado no ambiente escolar – possibilidades de aprender a partir da prática/realidade.

Por ocasião da publicação do artigo o projeto ainda estava em andamento e por isso está sem os resultados finais, no entanto, responde a pergunta mesmo assim.

b) Artigo 2

O artigo 2 com o título Alfabetização cartográfica a partir do esporte de orientação para a compreensão da realidade social, publicado em 2019, possui autoria de Kleiton Ramires Pires Bezerra e Walter Guedes da Silva.

Este trabalho tem como objetivo “analisar se o uso do esporte de orientação é um instrumento didático satisfatório à aprendizagem da alfabetização cartográfica, de maneira que o aluno possa aprender não somente ler, mas também compreender a realidade social por meio da correlação com a representação cartográfica”.

Os autores afirmam que o aluno precisa aprender a alfabetização cartográfica, conteúdo da geografia na educação básica, a partir da realidade social e não somente decodificando mapas: “Para compreender a realidade social é importante saber distinguir entre as reais relações sociais de produção dos homens na natureza e àquelas que eles representam a partir das ideias e concepções do cotidiano que ocupam as relações de propriedade existentes”.

Utilizaram-se de Oliveira, Paganelli, Simielli, Pasini, Callai, Scherma, Silva e Cunha e Castellar como referências bibliográficas para abordar a aprendizagem da alfabetização cartográfica e o uso da Orientação no cotidiano das escolas.

A pesquisa foi realizada com 29 alunos de 10 a 12 anos cursando o 5º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Irmã Irma Zorzi localizada em Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

O percurso metodológico foi realizado com revisão de literatura sobre alfabetização cartográfica e esporte Orientação, somado ao trabalho de campo com observação participante e aplicação de questionário.

A prática esportiva aconteceu na escola e no Parque das Nações Indígenas, um parque urbano onde o deslocamento foi realizado por ônibus. Foram 21 dias de vivência do esporte no parque e nesta etapa apenas 18 alunos participaram.

O questionário foi composto de três etapas: observação do mapa da cidade com desenhos coloridos dos lugares históricos, turísticos, assim como o nome das ruas e os alunos precisavam descrever sobre; imagem de um condomínio luxuoso ao lado de uma favela em São Paulo para observação e comentários sobre e desenhar um mapa com o roteiro da casa até a escola, contendo os detalhes do percurso.

Após a análise das respostas, os autores colocaram que houve diferença entre os que praticaram e os que não praticaram o esporte. Nos desenhos, por exemplo, para os que vivenciaram a prática, ocorreu à melhora na percepção dos elementos do lugar, tamanho das casas, das ruas e ênfase menor no colorido visando uma melhor leitura do mapa. Além disso, afirmaram que durante e após as práticas, os alunos demonstraram percepção de elementos da realidade social relacionados à desigualdade social e divisão de classe social, permitindo reflexões sobre o cotidiano e a realidade.

O estudo foi realizado de forma interdisciplinar, com as disciplinas de geografia e educação física.

Por fim, o estudo respondeu à questão de pesquisa.

c) **Artigo 3**

O artigo escrito por Marion Costa da Silva intitulado “Esporte Orientação: O ato de se orientar no espaço escolar” foi publicado no ano de 2019.

Analisa como o esporte Orientação pode contribuir na formação dos discentes, através do espaço escolar. Contextualiza a partir da educação física, mas defende que seja abordado de forma interdisciplinar e inserido no currículo.

Traz a reflexão sobre o esporte e sua importância como conteúdo escolar, principalmente na conceituação sobre espaço, pela ótica de Milton Santos (território geográfico).

Tem como objetivo: “analisar o Esporte Orientação como conteúdo da Educação Física Escolar”.

Por se tratar de uma revisão de literatura não tem aplicação prática da modalidade, no entanto, a autora é praticante do esporte assim como professora da rede municipal do Rio de Janeiro e tem experiência na utilização da Orientação como ferramenta pedagógica e como conteúdo interdisciplinar (educação física, geografia, matemática, português, etc.)

Silva (2019) defende que alguns temas relacionados à segregação espacial, a favelização e marginalização podem ser contextualizados a partir das práticas corporais. Ela afirma que a difusão da Orientação auxiliaria o entendimento dos conteúdos práticos do currículo oficial, mas principalmente do currículo oculto. Segundo a autora:

“(…) Os estudantes podem ser incentivados a olhar com outros olhos os espaços existentes no interior da escola e em torno dela, pois muitas vezes a familiaridade excessiva com os lugares por onde nos movimentamos nos impede de ver a potencialidade de transformação que eles comportam. Assim, o Esporte Orientação proporcionaria uma reorientação, uma nova leitura de território. Nessa perspectiva, os mapas de orientação podem fornecer subsídios para produzir novos modos de conhecer e compreender o bairro, a cidade, o país, tornando-se um avanço para a transformação social”;

Traz a BNCC como referencial teórico e propõe que novos estudos sejam realizados com essa temática, principalmente os que relacionam as intervenções práticas do esporte no contexto escolar.

Sendo assim, também é um dos artigos que respondem a pergunta dessa pesquisa.

d) Artigo 4

O quarto artigo selecionado foi “Práticas de Corrida de Orientação como ferramenta no ensino de cartografia” de Kelyson Souza, Lucas Torres e Filipe Peixoto, de 2020.

Este trabalho teve como objetivo: “buscar investigar a efetividade das práticas desenvolvidas por meio da pesquisa-ação”.

Esse estudo faz parte do projeto de extensão “alfabetização cartográfica: a cartografia no ensino fundamental II” desenvolvido pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. A mesma foi aplicada na cidade de Mossoró no Rio Grande do Norte tendo como público-alvo os alunos do 9º ano da Escola Estadual José de Freitas Nobre.

O percurso metodológico foi composto por levantamento bibliográfico, questionário antes e após as atividades, além de minicursos, oficinas e atividades práticas voltadas ao esporte.

A atividade prática foi realizada por 18 alunos e ocorreu no Parque Municipal Maurício de Oliveira.

Tendo como referência Castellar e Passini, os autores afirmam que a educação cartográfica traz além do conhecimento escolar, a percepção espacial e isso auxilia na construção do senso crítico dos alunos.

Utilizam-se da BNCC com o intuito de buscar metodologias para o ensino da cartografia no ensino fundamental.

Os resultados ao final da atividade foram positivos, em média um aumento de 9% de acertos, demonstrando que as atividades contribuíram para o aprendizado em cartografia.

A aplicação das atividades foi exclusivamente voltada para a disciplina de geografia e foi relatada a dificuldade dos alunos na leitura dos mapas e, para tanto a importância de incluir na disciplina atividades dinâmicas tanto práticas como teóricas a fim de facilitar essa compreensão.

Por fim, o artigo responde a pergunta.

e) Artigo 5

Com o título “A cidade é a sala de aula: Ensinar/Aprender geografia a partir do lugar” escrito por Emerson Alves de Arruda e publicado em 2019, tem como objetivo “contribuir com práticas pedagógicas que possibilitem o uso didático dos espaços urbanos de Fortaleza, dialogando com os postulados sobre percepção e corporeidade de Merleau-Ponty, onde a conjuntura existencial do estudante é o ponto de partida para a compreensão do espaço geográfico”.

O autor traz reflexões a respeito do papel da geografia na formação do cidadão assim como sua importância no contexto escolar, transformando esse cidadão num ser consciente do seu papel no contexto local.

O estudo tem como amostra os alunos da EEFM General Murilo Borges Moreira e as vivências foram realizadas no entorno da escola (Avenida Beira Mar, Ponte dos Ingleses, Lagoa do Papicu, Riacho Maceió, com finalização e prática da Orientação no Parque do Cocó), vinculadas a história do local. Compreensão do espaço geográfico a fim de guiar os estudantes ao seu papel de produção e transformação do espaço urbano, de forma prática.

Arruda (2019) relata os desafios e dificuldades financeiras para realizar este trabalho na escola pública e para realização das atividades práticas foi utilizada a bicicleta como meio de transporte. Outrossim, ele explica que o trajeto definido para

as atividades teve como foco a expansão urbana e seus impactos ambientais e sociais.

Após as vivências, o professor traz como um dos resultados que os alunos passaram a compreender melhor o porquê da ocupação dos morros, inclusive onde a escola está situada que se dá de forma prioritária por pessoas de baixa renda.

Nas aulas também foram abordados a temática sobre tecnologias e utilização de mapas digitais e aplicativos, onde majoritariamente a locomoção ocorre de forma automática, excluindo qualquer relação subjetiva com o espaço.

Dessa forma, o autor defende a Orientação como recurso pedagógico enfatizando ser uma atividade que estimula o aluno a desafiar seus sentidos no que diz respeito a diversas formas de se locomover no espaço e também uma melhor compreensão da cartografia.

O autor/professor responde a pergunta ao afirmar que ocorreu elevação da autoestima, leitura da realidade, compreensão das origens e situações-problemas que despertaram o interesse dos alunos nos conteúdos de geografia, aprofundando seu papel enquanto cidadão.

f) Artigo 6

Publicado em 2019, pelos autores Sérgio Cunha, Dandara Sousa e Priscila Silva, o artigo “Práticas Corporais de Aventura: Possibilidades nos processos de ensino-aprendizagem” têm como objetivo “relatar possibilidades de intervenções pedagógicas desenvolvidas durante o período de estágio supervisionado como componente curricular obrigatório na formação em licenciatura em Educação Física”.

A pesquisa foi realizada com alunos do 9º ano do ensino fundamental de uma escola estadual localizada na Zona Norte no município de Natal/Rio Grande do Norte, escola esta situada na região periférica da cidade onde os autores descrevem que ocorrem altos índices de violência e que a realidade sociocultural dos alunos afeta diretamente a permanência ou continuidade dos estudos.

Estudo descritivo do tipo relato de experiência onde foram realizadas 4 (quatro) aulas abordando às práticas corporais de aventura tendo como conteúdo o esporte Orientação.

Foram realizadas diversas atividades, durante as aulas de educação física, como: confecção de curta metragem com o celular mostrando os trajetos realizados por eles dentro da escola, construção de material ilustrativo da escola e posterior, vivência no pátio, exibição de vídeo sobre o esporte e por fim, competição com prática da Orientação dentro da escola.

Utilização da BNCC para justificar sua aplicação nas aulas de educação física escolar e também para relatar as dificuldades para transporte dos alunos, por exemplo, para prática fora do ambiente escolar, como está recomendado no documento: “contemplar o cunho de imprevisibilidade de espaços desconhecidos, bem como maior imprevisibilidade de espaços desconhecidos, bem como maior contato com elementos da natureza”.

Ressaltam a necessidade de que os professores tenham em sua formação a unidade temática de ensino: práticas corporais de aventura para que estejam habilitados a trabalhar esses conteúdos na escola.

Este artigo não responde a pergunta.

g) Artigo 7

O sétimo artigo desta revisão cujo título é “A orientação espacial por meio de atividades físicas na escola de tempo integral em Iporá”, publicado em 2018, por Nathália F. de S. Carvalho, Paula Junqueira da Silva e Geisse Q. M. Cunha tem como objetivo apresentar um relato de experiência.

Teve como público alvo os alunos do 1º ao 5º ano do ensino fundamental do Centro de Educação de Tempo Integral Aplicação de Iporá/Goiás e tem como principal recurso didático o espaço escolar.

Faz uso dos PCN para justificar a importância da escola trabalhar com a questão da qualidade ambiental para o trabalho das relações sociais.

As atividades foram desenvolvidas de forma interdisciplinar envolvendo as disciplinas de educação física e geografia.

Inicialmente foram realizadas perguntas para identificar o conhecimento prévio dos alunos e depois foram efetuadas diversas atividades de alfabetização cartográfica com bússolas, cones e materiais de papelaria. Utilizou-se da pedagogia progressista como proposta crítica visando à aprendizagem dos alunos por meio de gincanas e na interação entre eles. A atividade prática foi filmada e depois exposta à comunidade escolar, assim como as fotografias.

Durante as atividades os alunos foram estimulados a observarem o espaço na sua realidade espacial e notaram a falta de investimento público e conseqüentemente, menor qualidade ambiental. Dessa forma, respondem a pergunta a partir de afirmações realizadas após as vivências.

h) Artigo 8

“Geotecnologias aplicadas ao ensino de geografia, com ênfase na aprendizagem cartográfica do ensino fundamental II” é o oitavo artigo desse estudo, escrito por Adson dos Santos, cuja publicação ocorreu no ano de 2015, “busca compreender e analisar a importância do uso da cartografia nas séries iniciais”.

Reforça que o ensino da cartografia é indispensável desde os primeiros anos escolares por se tratar de uma atividade comum no cotidiano: sua relação com o espaço. Já para as séries do 2º ciclo do ensino fundamental, ou seja, 6º ao 9º ano, é uma ferramenta importante na construção da cidadania.

Santos (2015) defende a importância da alfabetização cartográfica do aluno como um trabalho social e, sobretudo como forma de compreensão do espaço de forma crítica, partindo da observação e análise do seu entorno. Descreve que é papel do professor de geografia o incentivo da leitura e das interpretações cartográficas e coloca a importância do trabalho interdisciplinar, visando uma melhor aprendizagem do aluno.

O estudo foi realizado com alunos do 2º ciclo do ensino fundamental que tiveram aula sobre os conceitos básicos de cartografia e após a escolha do local da atividade prática, utilizou-se do software Google Earth para delimitação da área e auxílio na confecção do mapa de Orientação. A prática foi realizada no Parque Aquático Xique-Xique, na Bahia.

Para verificação da aprendizagem foi aplicado questionário e apenas foi comentado que as respostas foram bastante positivas e que houve uma nova aprendizagem.

Santos (2015) conclui que a proposta desenvolvida atingiu os objetivos esperados e reforça que a inovação nas aulas com atividades lúdicas são fundamentais para alcance dos resultados no processo ensino-aprendizagem.

Embora o artigo traga referenciais teóricos e discussão a respeito da compreensão do espaço de forma crítica e relate que os resultados foram positivos e resultaram em uma nova aprendizagem, não há mais informações a respeito sobre a prática e, portanto, pode se dizer que o artigo não responde a pergunta.

i) Artigo 9

“Atividades físicas e esportivas na natureza nas aulas de educação física: possibilidades interdisciplinares” compõem o nono artigo incluído nessa revisão. Publicado em 2016 por Andressa Marques da Silva, Caroline Foggiato Ferreira e Andressa Aita Ivo tem como objetivo “mostrar a possibilidade de tematizar as atividades na natureza nas aulas de educação física em específico a Corrida de Orientação, assim como realçar o potencial interdisciplinar que estas manifestações corporais possuem”.

Defendem que a escola é um espaço para formar cidadãos críticos e que, portanto a educação física enquanto área de conhecimento, também participa desse processo.

Relatam que as atividades físicas e esportivas na natureza geralmente não são trabalhadas na escola e que umas das limitações referem-se à ausência de materiais e recursos da escola e, portanto, ressaltam que a Orientação pode ser adaptada e, portanto defendem sua inserção na escola.

Apontam a necessidade de um ensino com abordagem interdisciplinar em razão das diferentes relações sociais que acontecem no meio em que estamos inseridos.

Trata-se de uma pesquisa teórica e não responde a pergunta.

j) Artigo 10

O último artigo incluído foi “A percepção dos níveis de aprendizagem de cartografia dos alunos do ensino fundamental” de Rosane Vieira da Silva, Angélica Cirolini, Alexandre Felipe Bruch, Elisandra Hernandez da Fonseca, Suyane Gonçalves Campos e Fernanda Luz de Freitas, aceito para publicação em 2018 e oficialmente publicado em 2019.

Os autores defendem o estudo dos mapas a partir das séries iniciais do ensino fundamental tendo como referência o espaço próximo/vivido como o pátio da escola, a quadra, o bairro para ampliação e compreensão do espaço global e reforçam que o fato dos professores dos anos iniciais não terem formação em geografia o trabalho com uso de mapas não ocorre e que isso interfere diretamente na aprendizagem geográfica.

Evidenciam a importância da leitura e interpretação de mapas para situações cotidianas: mapas turísticos, *GPS* para o carro, visualização de mapas nos celulares, computador, *tablets*, etc.

A pesquisa teve como público alvo 225 alunos de 6 escolas localizadas na área urbana de Pelotas/Rio Grande do Sul.

O percurso metodológico até a prática de Orientação que ocorreu no pátio das escolas iniciou com aplicação de questionário sobre conhecimentos cartográficos em consequente, atividades pedagógicas (desenho do pátio, trajetos casa-escola com

destaque de pontos de referência, construção de bússola artesanal). Após a prática, o mesmo questionário foi aplicado visando verificar se ocorreu aprendizagem sobre o conteúdo e o resultado segundo os autores, foi significativo e satisfatório visto que houve um aumento considerável no percentual de acertos.

Essas atividades foram acompanhadas apenas pelos professores de geografia, mas foi relatado o uso da matemática em uma das atividades.

Os autores reforçam que para a alfabetização cartográfica de fato aconteça, os professores precisam intensificar o trabalho com mapas na sala de aula.

As perguntas dos questionários visaram verificar se os alunos melhorariam seus conhecimentos básicos de cartografia como latitude e longitude, rosa dos ventos, pontos cardeais, etc. e embora a prática de Orientação tenha ocorrido não se tratou sobre a aprendizagem voltada para o desenvolvimento do senso crítico enquanto de que forma a sociedade ocupa e interage com o espaço e, portanto, não responde a pergunta.

7.2 Resultados dos Estudos Incluídos na Revisão Sistemática

A tabela 3 representa um resumo dos principais resultados coletados nos estudos.

Dentre os resultados analisados, 80% (8 artigos) fizeram a prática de Orientação e relatam que a vivência foi realizada em escolas públicas e os outros 2 artigos por se tratarem de uma revisão de literatura apenas relatam as experiências no âmbito escolar. Conforme apresentado na tabela 3, essas práticas aconteceram na escola (3), na escola e no parque da região (2), na escola e no entorno (1), no parque (1) e na escola, no entorno e no parque (1).

Os estudos e as práticas aconteceram com turmas do ensino fundamental de anos variados, a saber: 1º ao 5º ano (3 artigos), somente 5º ano (1 artigo), 5º ao 9º ano (1 artigo), 9º ano (1 artigo) e em 4 artigos não há especificação dos anos trabalhados, apenas citam que a pesquisa foi realizada no ensino fundamental.

Ainda na análise dos artigos, 40% (4) publicações utilizaram-se dos PCNs, diretrizes elaboradas pelo Governo Federal para orientação da educação no Brasil. Os PCNs datam de 1997/1998 e foram utilizados nos artigos cuja publicação foram anteriores a implementação da BNCC, com exceção do artigo “Corrida de Orientação: uma proposta metodológica transdisciplinar da Escola Classe Córrego do Meio” que foi publicado em 2019. A BNCC, documento norteador de currículo, datado de 2018, conta com 30% (3) das publicações que se utilizaram dela como referência.

Dos estudos selecionados, 50% (5) faziam parte de uma proposta interdisciplinar, 40% (4) estavam relacionados à disciplina de geografia e apenas 7% (1) se referia à educação física. A BNCC traz a Orientação vinculada à prática corporal de aventura na unidade temática e como objeto de conhecimento nas práticas corporais de aventura na natureza no campo das linguagens, na disciplina de educação física e acredita-se que o baixo número de publicações e utilização dessa modalidade esportiva nas aulas de educação física esteja relacionado à formação desses profissionais, que até hoje, só tem esse conteúdo de forma integral em disciplina na Escola de Educação Física e Desportos (EEFD) da UFRJ.

Os caminhos metodológicos foram compostos de prática da modalidade (8 artigos), realização de oficinas (5 artigos), aplicação de questionários (4 artigos),

trabalho de campo (2 artigos) e revisão bibliográfica (2 artigos) e podem ser melhor visualizados na tabela 3.

Tabela 3 - Revisão Sistemática em profundidade

Fonte: Elaborado pela autora

Artigo	Metodologia	Prática	Local	Ensino Fundamental	Escola	Documentos	Disciplina
1	Aulas expositivas + Prática	Sim	Escola + Entorno/ DF	Séries iniciais	Pública	PCN	interdisciplinar
2	Trabalho de campo + questionário	Sim	Escola + Parque / MS	5º ano	Pública	xxx	geografia/ interdisciplinar
3	Revisão bibliográfica	Não	Escola	Não específica	Pública	BNCC	educação física / geografia
4	Questionário + Oficinas	Sim	Escola + Parque / RN	9º ano	Pública	BNCC	geografia
5	Oficinas	Sim	Escola + Entono + Parque / CE	Não específica	Pública	xxx	geografia
6	Campo + Vídeo + Fotos + Oficinas	Sim	Escola / RN	9º ano	Pública	BNCC	educação física
7	Campo + Vídeo + Fotos + Oficinas	Sim	Escola/ GO	1º ao 5º ano	Pública	PCN	geografia/ educação física interdisciplinar
8	Trabalho de campo + questionário	Sim	Parque/ BA	5º ao 9º ano	Não específica	xxx	geografia
9	Revisão bibliográfica	Não	Escola	Não específica	Não específica	PCN	educação física/ interdisciplinar
10	Questionário + Oficinas	Sim	Escola/RS	1º ao 5º ano	Pública	PCN	geografia

Fonte: Elaborado pela autora

Dos estudos selecionados e listados na tabela 4, observa-se que os estudos referentes a esta temática são muito recentes, e que a partir de 2019 há um crescimento no número de publicações. No entanto, ainda há pouco estudo na área. A primeira publicação data de 2015 e todas as publicações selecionadas desse estudo se encontram na década de 2011-2020. Importante destacar que não houve recorte de tempo para a busca no gerenciador, portanto esse resultado reflete o panorama nacional de publicação.

Tabela 4 - Ano de publicação e título dos artigos científicos selecionados

Fonte: Elaborado pela autora

Artigo	Publicação	Título
1	2019	Corrida de Orientação: uma proposta metodológica transdisciplinar da Escola Classe Córrego do Meio
2	2019	Alfabetização cartográfica a partir do esporte de orientação para a compreensão da realidade social
3	2019	Esporte orientação: o ato de se orientar no espaço escolar
4	2020	Prática de corrida de orientação como ferramenta no ensino da cartografia
5	2019	A cidade é sala de aula: ensinar/ aprender geografia a partir do lugar
6	2019	Práticas Corporais de Aventura: possibilidades nos processos de ensino-aprendizagem
7	2018	A orientação espacial por meio de atividades físicas na escola de tempo integral em Iporá
8	2015	Geotecnologias aplicadas ao ensino de geografia, com ênfase na aprendizagem cartográfica no ensino fundamental II
9	2016	Atividades físicas e esportivas na natureza nas aulas de educação física: possibilidades interdisciplinares
10	2018	A percepção dos níveis de aprendizagem de cartografia dos alunos do ensino fundamental

Fonte: Elaboração da autora

Acredita-se que este pico de publicação ao final da década, o que corresponde a 80% do total possam ter correlação com a BNCC.

Segue abaixo o gráfico comparativo conforme o ano de publicação, com destaque para o ano de 2019 onde ocorreram 6 das 10 publicações dos estudos selecionados:

Gráfico 1 - Número de publicações por ano

Fonte: Elaborado pela autora



Dentre os artigos analisados observou-se que ocorreu a elaboração por apenas um autor em 4 dos artigos e 6 foram publicados em coautoria, geralmente entre 3 autores.

Não houve publicação no mesmo periódico para nenhum dos estudos, dessa forma visando uma análise qualitativa dos artigos publicados e selecionados para essa pesquisa foi realizada uma observação a partir da classificação Qualis

Periódicos através da Plataforma Sucupira. Convém destacar que a Plataforma não está atualizada e, portanto somente revistas que se enquadrem no triênio 2010-2012 ou quadriênio 2013-2016 estão disponíveis para pesquisa. Dessa forma, a pesquisa realizada apontou que 5 (cinco) periódicos não tinham dados cadastrados existentes. Os demais pertencem à classificação conforme a tabela 5.

Tabela 5 – Classificação dos Periódicos

Fonte: Elaborado pela autora

Classificação	Quantidade de artigos	Percentual
A1	0	0%
A2	1	10%
B1	0	0%
B2	1	10%
B3	1	10%
B4	0	0%
B5	2	20%
C	0	0%
Não identificado	5	50%

Do total dos 10 artigos analisados, identificou-se que apenas 10% (1 artigo) possui classificação A, publicado na área de geografia. Esse mesmo percentual esteve relacionado aos conceitos B2 e B3 nas áreas de ensino e geografia, respectivamente. Referente ao conceito B5, o percentual se eleva atingindo 20% e ambas estão relacionados às revistas nas áreas de educação física.

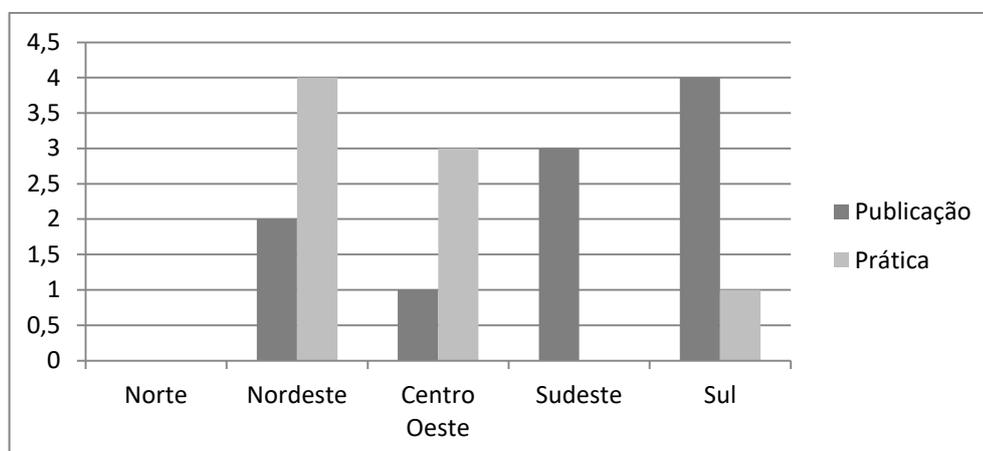
Como panorama geral, a maior parte das publicações está relacionada a revistas da educação e da geografia, inclusive para aquelas que ainda não tem o conceito Qualis, sendo 3 publicações para cada, seguidos de 2 na educação física e 1 na área do ensino e outra na interdisciplinaridade.

Além disso, buscou-se identificar o percentual de publicações por região no país, assim como em que locais as práticas do esporte ocorreram e os dados chamam a atenção para uma análise mais profunda visto que as regiões que mais ocorrem publicações sobre a temática são o Sul, com 4 artigos, seguido do Sudeste com 3 artigos, totalizando 70% do total tendo como referência o local de publicação. No entanto ao analisar os locais onde os estudos foram aplicados nota-se que na Região Sul um foi colocado em prática e na Sudeste, não teve nenhuma prática de Orientação nos seus estados, nos estudos em foco. Sugere-se que este ponto possa estar relacionado à maior concentração de pós-graduações e eventos acadêmicos nessas regiões, até mesmo o número limitado de estudos que foram incluídos na revisão por o tema ainda estar numa ascendente, mas como este não é o foco do presente estudo, não haverá aprofundamento nesta discussão.

Ainda com relação aos locais das editoras, 2 pertenciam a Região Nordeste e 1 a Centro-Oeste. Quanto a prática, na Região Nordeste ocorreram a prática de 4 pesquisas e na Centro-Oeste, 3. A Região Norte não foi representada em nenhuma das duas categorias e os dados podem ser observados no gráfico 2.

Gráfico 2 - Publicação nas revistas por Região x Prática dos Estudos

Fonte: Elaborado pela autora



Houve uma enorme diversidade na utilização das palavras-chave e nenhuma se repetiu. No entanto, temos algumas aproximações em relação à palavra educação, conforme apresentado na tabela 6.

Quanto à nomenclatura do esporte, também foi citado de formas diferenciadas remetendo a mesma prática, o que dificulta o acesso às produções acadêmicas e o motivo pelo qual foram utilizadas diversas nomenclaturas visando alcançar todos os trabalhos na área. O termo corrida de orientação é o que mais aparece (70% dos artigos). Há também os termos esporte de orientação, esporte orientação e por último, orientação com bússola ou caça ao tesouro.

Tabela 6 – Palavras-chave dos artigos e Termos utilizados pelos autores para Orientação

Fonte: Elaborado pela autora

Artigo	Palavras-chave	Nomenclatura
1	Orientação, Educação Integral, Transdisciplinaridade, Preservação, Natureza	Orientação, Corrida de Orientação
2	Alfabetização, Cartografia, Educação Esportiva, Geografia	Esporte de orientação
3	Esporte Orientação, Escola, Espaço Geográfico	Esporte orientação, Corrida de Orientação
4	XXX	Corrida de Orientação
5	Geografia Escolar, Práticas Pedagógicas, Lugar, Corporeidade	Corrida de Orientação
6	Educação Física Escolar, Prática Corporal de Aventura, Estágio Supervisionado Obrigatório	Esporte Orientação
7	Orientação Espacial, Ambiente Escolar, Qualidade Ambiental	Corrida de Orientação
8	XXX	Corrida de Orientação
9	Educação Física, Atividades na Natureza, Interdisciplinaridade	Corrida de Orientação
10	Geoprocessamento, Cartografia Escolar, Ensino	Orientação com bússola/ Caça ao tesouro

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após análise de todos os estudos selecionados, afirma-se que 6 dos 10 artigos respondem a pergunta: “As práticas do esporte orientação favorecem a compreensão social do espaço pelos estudantes do ensino fundamental?”, a saber: “Corrida de Orientação: uma proposta metodológica transdisciplinar da Escola Classe Córrego do Meio”, “Alfabetização cartográfica a partir do esporte de orientação para a compreensão da realidade social”, “Esporte orientação: o ato de se orientar no espaço escolar”, “A cidade é sala de aula: ensinar/aprender geografia a partir do lugar”, “A orientação espacial por meio de atividades físicas na escola de tempo integral em Iporá”, e “Geotecnologias aplicadas ao ensino de geografia, com ênfase na aprendizagem cartográfica no ensino fundamental II”. A seguir serão utilizadas citações dos referidos artigos que reforçam essas respostas.

Amorim (2019) ao afirmar que “a prática da Orientação é um instrumento pedagógico que possibilita a aquisição de conhecimentos para o desenvolvimento das competências indispensáveis para a compreensão do espaço geográfico e suas relações” responde a pergunta desta dissertação.

Segundo Bezerra e Silva (2019): “as respostas dos alunos evidenciaram a compreensão sobre os aspectos referentes à distribuição desigual de riqueza, que geram e ampliam a violência urbana. Ou seja, a aprendizagem da alfabetização cartográfica, por meio do esporte de orientação, possibilita ao aluno a ampliação de sua visão de mundo e compreensão dos problemas sociais”.

Silva (2019) afirma que “a proposta de difundir o Esporte Orientação ajudaria sim nas questões práticas de alguns conteúdos do currículo oficial, mas fomentaria sobretudo o currículo oculto. Os estudantes podem ser incentivados a olhar com outros olhos os espaços existentes no interior da escola e entorno dela, pois muitas vezes a familiaridade excessiva com os lugares por onde nos movimentamos nos impede de ver a potencialidade de transformação que eles comportam. Assim, o Esporte Orientação proporcionaria uma reorientação, uma nova leitura do território. Nessa perspectiva, os mapas de orientação podem fornecer subsídios para produzir novos modos de conhecer e compreender o bairro, a cidade, o país, tornando-se um avanço para a transformação social.”

Arruda (2019) relata em seu estudo que “(...) esses resultados foram alcançados devido à postura investigativa do professor, que o levou a ler a realidade dos alunos, compreender suas origens e representações e propor situações-problema capazes de despertar o interesse dos alunos nos conteúdos geográficos. A partir desse preceito, os alunos aprofundaram seus entendimentos acerca da ciência geográfica e do seu papel enquanto cidadão do mundo”.

Já Carvalho, Silva e Cunha (2018) destacam que “(...) Utilizar o pátio escolar como instrumento para as atividades de ensino e por meio da metodologia de ensino que valorizou a observação do ambiente escolar contribuiu para o despertar da consciência espacial dos alunos sobre o território que ocupam boa parte das horas do dia. Permitiu aos aprendizes a olharem para a paisagem escolar, que os acolhem por cerca de 10 horas diárias, com olhar crítico sobre as condições físicas da escola pública”.

Santos (2015) afirma que “alfabetizar um aluno na leitura desse tipo de forma de comunicação é também um trabalho social. É possibilitar a ela a compreensão de um instrumento de síntese do espaço, permitindo instrumentalizá-lo para a leitura de algo que visa representar um recorte espacial e que, muitas vezes, é

mais forte em seus estereótipos, na segregação, na reafirmação das desigualdades socioespaciais do que meros textos com palavras”.

Em função da pandemia esta pesquisa não pôde ser realizada de forma prática com os alunos, visto que as escolas estavam fechadas, no entanto pretende-se dar continuidade a este trabalho com a vivência da Orientação sob uma perspectiva interdisciplinar, nas escolas municipais do Rio de Janeiro.

Sendo assim, a pesquisa com base em revisão sistemática permitiu perceber o alcance, os limites e as necessidades de novos estudos sobre as relações entre o esporte Orientação e o desenvolvimento psicossocial nas escolas.

Notou-se o aumento do uso da Orientação como atividade pedagógica na escola, a partir dos trabalhos publicados, principalmente relacionados às disciplinas de educação física e geografia. Nessas áreas, essa rica ferramenta interdisciplinar foi abordada principalmente relacionada à aptidão física e saúde, proposta interdisciplinar, abordagem de temas transversais, ferramenta pedagógica, elaboração de material didático, currículo escolar e inserção de práticas corporais na natureza para a educação física e com conteúdos sobre cartografia escolar, formação docente, georientação, metodologia alternativa para trabalhar os conteúdos, alfabetização cartográfica, recurso didático e atividade lúdica relacionada à geografia.

A primeira publicação encontrada na busca dessa pesquisa data de 1991, entretanto, na temática Orientação e construção social do espaço, a primeira publicação só vai ocorrer em 2015 e a partir de 2019, percebe-se uma crescente publicação. No entanto, entende-se que ainda é necessário que outras pesquisas sejam realizadas, para ampliação da discussão e análise dos resultados, visto que esta temática ainda é pouco explorada no meio acadêmico. Sendo assim, ficou evidente a importância do trabalho da alfabetização cartográfica no ensino fundamental de forma lúdica, utilizando a Orientação como ferramenta pedagógica, para que o aluno compreenda o espaço vivido e traga contribuição de forma direta a sua leitura do mundo.

A partir dos estudos analisados pode-se afirmar que a utilização da Orientação como conteúdo escolar, realizado de forma crítica e preferencialmente interdisciplinar, possibilita reflexão sobre o cotidiano e a realidade social, permitindo ampliação da construção de território. Dessa forma, convidamos os educadores a utilizarem a Orientação como conteúdo na escola.

9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, L. dos R. Corrida de Orientação: uma proposta metodológica transdisciplinar da Escola Classe Córrego do Meio. In **Educação: Políticas, Estrutura e Organização** 5, 2019, p. 75–87. Atena Editora. Disponível em: <<https://doi.org/10.22533/at.ed.0641903048>>. Acesso em 21 mar. 2021.

ARRUDA, E. A. A cidade é sala de aula: ensinar/ aprender geografia a partir do lugar. **Geosaberes**, 2019. Disponível em: <<http://orcid.org/0000-0002-1660-0647>>. Acesso em: 19 mar. 2021.

BLAIA, C. C. M.; SANTANA, W.S. Subsídio para implementação da corrida de orientação nas aulas de educação física. Disponível em: <www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2326-8.pdf>. Acesso em: 01 jun.2019.

BRASIL. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira**. Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar/pesquisas-suplementares/pesquisa-covid-19>>. Acesso em 02 jan. 2022

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

_____. Ministério da Saúde. Disponível em: <<http://www.educacaofisica.seed.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=340>>. Acesso em 30 dez. 2021.

_____. **Plataforma Sucupira**. Disponível em: <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/#:~:text=%C3%89%20um%20sistema%20usado%20para,artigos%20publicados%20em%20peri%C3%B3dicos%20cient%C3%ADficos.&text=Qualis%20afere%20a%20qualidade%20dos,%2C%20ou%20seja%2C%20peri%C3%B3dicos%20cient%C3%ADficos>>. Acesso em: 01 jun. 2022.

BEZERRA, K.R.P.; SILVA, W. G. Alfabetização cartográfica a partir do esporte de orientação para a compreensão da realidade social. **Revista de Educação da PUC Campinas**, 2019. Disponível em: <<https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/reeducacao/article/view/4302>>. Acesso em: 19 mar. 2021.

CAMPOS, L. A. da S.; GONÇALVES, A. E. Corrida de orientação: um desporto interdisciplinar por natureza. **EFDeportes.com**, Revista Digital. Buenos Aires, Nº 149, 2010. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd149/corrida-de-orientacao-um-desporto-interdisciplinar.htm>>. Acesso em: 07 jun.2019.

CARVALHO, N. F. de S, SILVA, P. J. e CUNHA, G. Q. M. A orientação espacial por meio de atividades físicas na escola de tempo integral em Iporá. Disponível em: http://nepeg.com/newnepeg/wp-content/uploads/2017/02/GT2_12_A-orientação-es-pacial-por-meio-de-atividades-físicas-na-escola-de-tempo-integral-em-Iporá_GO.pdf. Acesso em 20 mar.2021.

CASTELLAR, S.; VILHENA, J. **Ensino de Geografia**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

CASTRO, A. A. Revisão Sistemática e Meta-análise. Disponível em: <<https://metodologia.org/wp-content/uploads/2010/08/meta1.PDF>>. Acesso em: 10 jul. 2021.

CERTEAU, M. de, GIARD, L. & MAYOL, P. **A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 1996.

CLAVAL, P.O. O papel do trabalho de campo na geografia, das epistemologias da curiosidade às do desejo. In: **Confins**. nº 13. 2013. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/confins/12414>>. Acesso em: 02 jun. 2022.

COELHO, B. Você sabe para quê serve o Crossref? Disponível em: <<https://blog.mettzer.com/crossref/>>. Acesso em: 03 jan. 2022.

COUTO, T. C. **A percepção espacial no desporto Orientação**. 2010. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2010. (Trabalho de conclusão de especialização).

CROSSREF. Registro de Conteúdo. Disponível em: <<https://www.crossref.org/pdfs/about-content-registration-portuguese.pdf>>. Acesso em 03jan. 2022.

CRUZ, R. C. A. Os caminhos da pesquisa de campo em Geografia. **Geosp – Espaço e Tempo**, v. 1, n. 1, p. 93-97, 1997. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/geosp/issue/view/9229>>. Acesso em: 02 jun. 2022.

CUNHA, S. M. da; SOUSA, D. Q. de O; SILVA, P.P.C. Práticas Corporais de Aventura possibilidades nos processos de ensino-aprendizagem. **Cadernos RBCE**, v.10, n. 2, 2019. Disponível em: <<https://www.revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/2373>>. Acesso em 20 mar. 2021.

DELEUZE, G. e GUATARRI, F. **O que é filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 2010.

DI TORE, P.A; CORONA, F; SIBILIO, M. Orienteering: spatial navigation strategies and cognitive processes. 9th INSHS International Christmas Sport Scientific Conference, 4-6 December 2014. International Network of Sport and Health Science. Szombathely, Hungary. Journal Of Human Sport & Exercise. ISSN 1988-5202. Vol. 10, Proc1, 2015. Acesso em: 03 jan.2022.

DORNELLES, José Otavio. Histórico do esporte Orientação nos currículos escolares no Brasil. Disponível em: <<http://www.educacaofisica.seed.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=340>>. Acesso em 01 fev. 2018.

ERCAN, P. An analysis on the level of leisure satisfaction and the level of satisfaction with life of young people who attend sport education camps in nature. **Educational Research and Reviews**. Vol. 11(8), p. 834-841, 2016. Acesso em 05 mar. 2021.

FERREIRA, R.I. **Os primórdios do esporte: orientação no Brasil**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Pod, 2021.

FERREIRA, R. M. F. **Orientação na escola: didática da orientação**. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 1999. n. 32. (Didática em Ciências Sociais e Humanas).

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOTTDIENER, Mark. **A produção social do espaço urbano**. 2ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

GUATARRI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Editora 34, 1992.

HAESBAERT, Rogério. Da Desterritorialização à Multiterritorialidade. **Boletim Gaúcho de Geografia**, 2003. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38739/26249>>. Acesso em 10 jun. 2019.

_____. **O mito da desterritorialização**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HARZING, A.W. (2007) Publish or Perish. Disponível em: <<https://harzing.com/resources/publish-or-perish>>. Acesso em 19 jan.2021.

INSTITUTO UNIBANCO. Disponível em: <<https://www.institutounibanco.org.br/conteudo/estudo-perda-de-aprendizagem-na-pandemia>>. Acesso em 01 jan. 2022.

LEFEBVRE, H. **Production of Space**, Cambridge: Blackwell Publishers, 1992.

MARQUES, A. P. S. Da Construção do Espaço à Construção do Território. **Fluxos & Riscos** n.º1 Pp. 75 – 88. Disponível em: <<https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/3293/1/Da%20constru%C3%A7%C3%A3o%20do%20espa%C3%A7o%20C3%A0%20constru%C3%A7%C3%A3o%20do%20territ%C3%B3rio.pdf>>. Acesso em 20 jun. 2019.

MOHER, D.; LIBERATI, A.; TETZLAFF, J.; ALTMANI, D. G., Grupo PRISMA: Itens de relatório preferidos para revisões sistemáticas e meta-análises: a declaração PRISMA. Disponível em: <<https://www.bmj.com/content/339/bmj.b2535>> . Acesso em: 05 fev. 2021.

PASINI, C. G. **Pedagogia, Técnica e Tática de Corrida de Orientação**. Santiago: Ponto Cópias, 2007.

_____. **Corrida de orientação: esporte e ferramenta pedagógica para a educação**. 2ª edição. Três corações: Gráfica Excelsior, 2004.

_____. **Disciplina de orientação e o currículo de educação física do ensino superior. Uma inclusão necessária**. Dissertação de Mestrado em Educação

pela Universidade Vale do Rio Verde. Três Corações – MG: 2003.

PEREIRA, A. L.; BACHION, M. M. Atualidades em revisão sistemática de literatura, critérios de força e grau de recomendação de evidência. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v.27, n.4, p.491-498, dez. 2006.

PINTO, A. L. **Urbanização na fragmentação: a resposta do Bairro-escola**. 1ª edição. Rio de Janeiro: PTK Livros, 2008.

SAMPAIO, R.F; MANCINI, M.C. Estudo de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Revista Brasileira de Fisioterapia**, São Carlos, v.11, n.1, p.83-89, jan./fev. 2007.

SANTOS, A. Geotecnologias aplicadas ao ensino de geografia, com ênfase na aprendizagem cartográfica no ensino fundamental II. **Anais IV CEDUCE**, 2015. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/editora/anais/ceduce/2015/TRABALHO_EV047_MD4_SA6_ID1192_05052015211043.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2021.

SILVA, A. M. da; FERREIRA, C. F; IVO, A. A. Atividades físicas e esportivas na natureza nas aulas de educação física: possibilidades interdisciplinares. Disponível em: <[https://www.feevale.br/Comum/midias/181f9a69-ff99-44a7-8d5a-471ee0ad0c91/Atividades físicas e esportivas na natureza nas aulas de educação física possibilidades interdisciplinares.pdf](https://www.feevale.br/Comum/midias/181f9a69-ff99-44a7-8d5a-471ee0ad0c91/Atividades_fisicas_e_esportivas_na_natureza_nas_aulas_de_educacao_fisica_possibilidades_interdisciplinares.pdf)>. Acesso em 19 mar. 2021.

SILVA, M. A. F. da. **Esporte orientação: conceituação, resumo histórico e proposta pedagógica interdisciplinar para o currículo escolar**. Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/32293/000784139.pdf?sequence=1>> Acesso em 12 de junho de 2019.

SILVA, M. C. Esporte orientação: o ato de se orientar no espaço escolar. Disponível em: <<https://cp2.g12.br/ojs/index.php/temasemedfisicaescolar/article/view/2246>>. Acesso em: 19 de mar. 2021.

SILVA, R. V. da; CIROLINI, A.; BRUCH, A. F.; FONSECA, E.H.; CAMPOS, S. G.; FREITAS, F. L. da. A percepção dos níveis de aprendizagem de cartografia dos alunos do ensino fundamental. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/expressaextensao/article/view/14336>>. Acesso em 20 mar.2021.

SOUZA, K. H. F. de; TORRES, L. M. G.; PEIXOTO, F. da S. Prática de corrida de orientação como ferramenta no ensino da cartografia. **In: O ensino e suas expressões: tecnologias, direitos humanos, artes e interdisciplinaridade** (pg. 80–97). Pimenta Cultural. Disponível em: <<https://doi.org/10.31560/pimentacultural/2020.923.80-97>>. Acesso em 20 mar. 2021.

STEFANELLO, A. C. **Didática e Avaliação da Aprendizagem no Ensino da Geografia**. São Paulo: Editora Saraiva, 2009.

WILSON, JA. Orienteering, the map and child development. (Organised outdoor play with maps). Department of Natural and Built Environment. Royal Geographical Society and The British Cartographic Society. January, 2017. Acesso em: 27 mar.2021.

Disponível em: <<https://www.nvca.on.ca/winter-electives-ed-program>>. Acesso em: 23 jun. 2022.